

Francisco Soares

REABILITAÇÃO DA COMUNIDADE DE CORTEGAÇA

**Trabalho de Projecto
Mestrado em Arquitectura**

SETEMBRO, 2020

esap Escola Superior
Artística do Porto

MIA MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA
esap



Fotografia da actual lota da zona de Cortegaça e Esmoriz.
Fonte: do autor deste trabalho de projecto

Francisco Soares

REABILITAÇÃO DA COMUNIDADE DE CORTEGAÇA

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitectura realizado sob a orientação científica de Prof. Dr. Arquitecto Sérgio Mendes.

esap Escola Superior
Artística do Porto

MIA MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA
esap

Declaro que esta(e) Dissertação / Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Porto, de de

Nota: Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o Novo Acordo Ortográfico.

RESUMO

Reabilitação da Comunidade de Cortegaça

Francisco Soares

PALAVRAS-CHAVE: reabilitação, equipamento, bairro, mercado, lota, pesca, espaço público, inserção social.

RESUMO

Com este trabalho pretendo apresentar uma proposta de um equipamento que visa dar apoio à pesca e à comunidade da freguesia de Cortegaça e arredores, assim como a reabilitação do Bairro SAAL da Praia de Cortegaça desenvolvido pelo arquitecto António Moura.

Para o projecto do equipamento, foram estudados diversos regulamentos como o POOC e o PDM de Ovar para perceber onde seria possível construir um edifício desta envergadura. Foram feitos diversos estudos de possíveis programas de acordo com os diálogos que foram realizados com a comunidade em questão.

Relativamente à reabilitação, foi feita uma pesquisa mais aprofundada com o intuito de encontrar uma base de trabalho. Foi possível entrevistar o autor do projecto e ter acesso às peças originais do mesmo. Com esta proposta, tentei responder às necessidades existentes, através da organização interior e exterior das habitações e do conjunto habitacional.

Reabilitar esta comunidade, assegurar postos de trabalho mais seguros, serviços inexistentes, assim como habitações mais saudáveis e confortáveis foram as premissas mais relevantes que suportam este trabalho de projecto.

OBJECTIVO DO TRABALHO DE PROJECTO

O objectivo do presente trabalho consiste em propor uma forma de revitalização da Freguesia de Cortegaça, Ovar, que tem vindo a ser devotada ao abandono. Para tal optei por desenvolver um Centro Cívico/Comercial associado à reabilitação do bairro do SAAL existente, que se encontra em avançado estado de degradação. Como as duas zonas intervencionadas não estão directamente ligadas entre si, decidi ainda intervir numa zona contígua destinada a espaço público que articula as duas intervenções.

O Centro Cívico/Comercial comporta programas de índole social e económica, imprescindíveis para o quotidiano dos habitantes, enquanto que a reabilitação do bairro do SAAL assegura a existência de habitações condignas para os mesmos.

Índice

Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento do Trabalho de Projecto	5
1.1. Análise do terreno na freguesia de Cortegaça.....	7
1.2. Sistema Socioeconómico.....	13
Capítulo II - O Bairro do SAAL	15
2.1. Tipologia evolutiva no projecto SAAL.....	15
2.2. História da intervenção.....	17
2.3. A importância da reabilitação.....	21
Capítulo III - Recuperação e reinterpretação de habitações evolutivas no Bairro do SAAL	23
3.1. Considerações prévias.....	23
3.2. Conceito da Reabilitação em habitações evolutivas.....	25
3.3. Materiais.....	27
Capítulo IV - Breve enquadramento histórico e tipológico do centro cívico/comercial	29
4.1. A Necessidade de Mais Apoio Para a Comunidade.....	29
4.2. A Praça.....	31
4.3. A Evolução dos Espaços Comerciais.....	35
4.4. A tipologia em “U”.....	39
Capítulo V -Casos de Estudo	43
5.1. Lota do portinho de pesca de Castelo de Neiva.....	43
5.2. Fistera market.....	47
5.3. WISTIK library and kindergarten.....	48
5.4. Centro regional Galeana.....	52

5.5. Mercado do Carandá.....	57
Capítulo VI - Referências.....	61
6.1. Pavilhão Nórdico.....	61
6.2. Frank Lloyd Wright.....	63
6.3. Brutalismo.....	65
6.4. Aldo Rossi e o Bloco D de Gallaratese.....	67
Capítulo VII - Projecto Centro Cívico/comercial.....	69
7.1. Considerações Prévias.....	69
7.2. Programa.....	70
7.3. Forma.....	79
7.4. Materiais e texturas.....	79
7.5. Estrutura.....	83
Capítulo VIII - Praça do Monte Branco.....	85
Considerações finais.....	89
Bibliografia.....	93
Índice de imagens.....	97
Anexos.....	105

Introdução

Um país é feito das pessoas que nele vivem, das experiências, memórias e da cultura. Se estas características começarem a desaparecer, o que é que nos restará?

A desertificação dos grandes centros urbanos de Portugal é algo cada vez mais real. Torna-se cada vez mais difícil viver neles. Infelizmente, também se pode assistir a esse fenómeno em centros mais pequenos, devido à falta de condições e de prestação de serviços à população. O povo português foi sempre considerado um povo amigável, agradável e humilde porém, com a tendência do comércio para o turismo e o esquecimento do que é realmente nosso, existe a necessidade de criação de espaços que permitam que o comércio tradicional sobreviva, assim como a população que vive da pesca ou da agricultura, sem ter de lidar com intermediários e sendo obrigados venderem os seus produtos por preços baixos.

A arquitectura tem como papel fundamental a melhoria da qualidade da vida das pessoas. Este é o principal tema deste trabalho de projecto, como tal, foi decidido procurar uma área que necessitasse deste apoio. Cortegaça apresenta esta necessidade, além de ser um local importante para o autor deste projecto, dada a vivência nesta freguesia, desde a infância, e que está cada vez mais degradado e esquecido.

O programa passou inicialmente pelo desenvolvimento de um equipamento, designado por Centro Cívico/Comercial (CCC), com o objectivo de prestar maior apoio à comunidade piscatória e à própria economia local. O equipamento está implantado numa zona estratégica, suprimindo uma grande falha existente na malha urbana. Ao analisar o terreno e após conversas com a população, foram compreendidas as suas necessidades e foi desenvolvido um programa de acordo com o indicado.

Existe um bairro situado perpendicularmente ao CCC, com aspecto degradado, onde as infiltrações são notórias e as condições de segurança e habitabilidade quase nulas. Como este conjunto habitacional foi projectado para prestar o apoio à comunidade que vive nesta zona, onde a pesca é a maior fonte de rendimento, foi proposto, a uma pequena escala, a reabilitação deste mesmo bairro. Foi uma surpresa verificar que se trata de um Bairro do Projecto SAAL que caiu em esquecimento.

Ao trabalhar estes dois espaços em simultâneo, foi proposto ainda o desenvolvimento e tratamento de um terreno baldio situado entre este bairro e o CCC.

Ao longo do desenvolvimento deste projecto, foi compreendido o apoio que nós, enquanto arquitectos, podemos dar à população em geral. Daí o título " Reabilitação da Comunidade de Cortegaça".

Este trabalho está organizado numa componente teórica, dividida em nove capítulos, e uma parte prática, onde são apresentados os projectos do Centro Cívico/Comercial, da recuperação do bairro do SAAL e da praça do Monte Branco, através de peças desenhadas.

Capítulo I - Enquadramento do trabalho de projecto

Desde a infância, tenho uma ligação forte com as freguesias de Esmoriz/Cortegaça. A arte Xávega, a cultura daquele local sempre esteve presente em mim. Contudo, o investimento por parte da autarquia foi sempre bastante reduzido ou nenhum. Sempre me impressionou a inexistência de equipamentos de apoio aos pescadores, as habitações em mau estado e a sua constante degradação a cada ano que passa.

Para demonstrar que Cortegaça tem potencial de se tornar uma freguesia mais apetecível e providenciar mais apoio aos moradores, decidi desenvolver o projecto de quinto ano nesta área. Não só para servir Cortegaça, mas para servir outras freguesias adjacentes a esta área.

Enquanto procurava o melhor terreno para desenvolver este centro cívico, foi compreendido que seria também necessário apresentar um projecto, a uma escala menor, de reabilitação de um bairro do Projecto do SAAL. Esta decisão ajudou a escolher o terreno para o centro cívico/comercial. Usei o projecto do equipamento para "coser" uma frente de diversas fachadas, bastante próxima do bairro do SAAL, conseguindo, assim, resumir toda a intervenção num pequeno núcleo. Outros elementos que limitaram a procura de um terreno foram o POOC, assim como as Zonas de Risco da Erosão Costeira.

Depois de ter identificado todos os elementos da intervenção, e de perceber o que realmente pretendia fazer pela comunidade, comecei a desenvolver estes dois projectos distintos, mas que ambos servem para melhorar as condições de uma comunidade que tanto precisa deles. Esse é o seu ponto de ligação.

Com esta operação, pretendo trazer a qualidade espacial de que esta zona necessita, assim como a sua população. Infelizmente, grande parte dos equipamentos, assim como das habitações na área de intervenção apresentam um baixo nível de manutenção o que criará, mais tarde, um abandono desta região.

Com isto, assumo que um dos maiores desafios do projecto será reverter esta situação, fazendo com que a população permaneça e que continue a sentir-se ligada aos velhos costumes.

A costa de Portugal é bastante diversa e única, sendo fundamental não apenas o cuidar dela e dos locais nela presentes. Grande parte da cultura local existe, por causa da população e, se esta desaparece, o mesmo acontecerá ao nosso património. Este projecto, poderá ser uma das muitas formas de voltar a trazer vida a estas áreas.

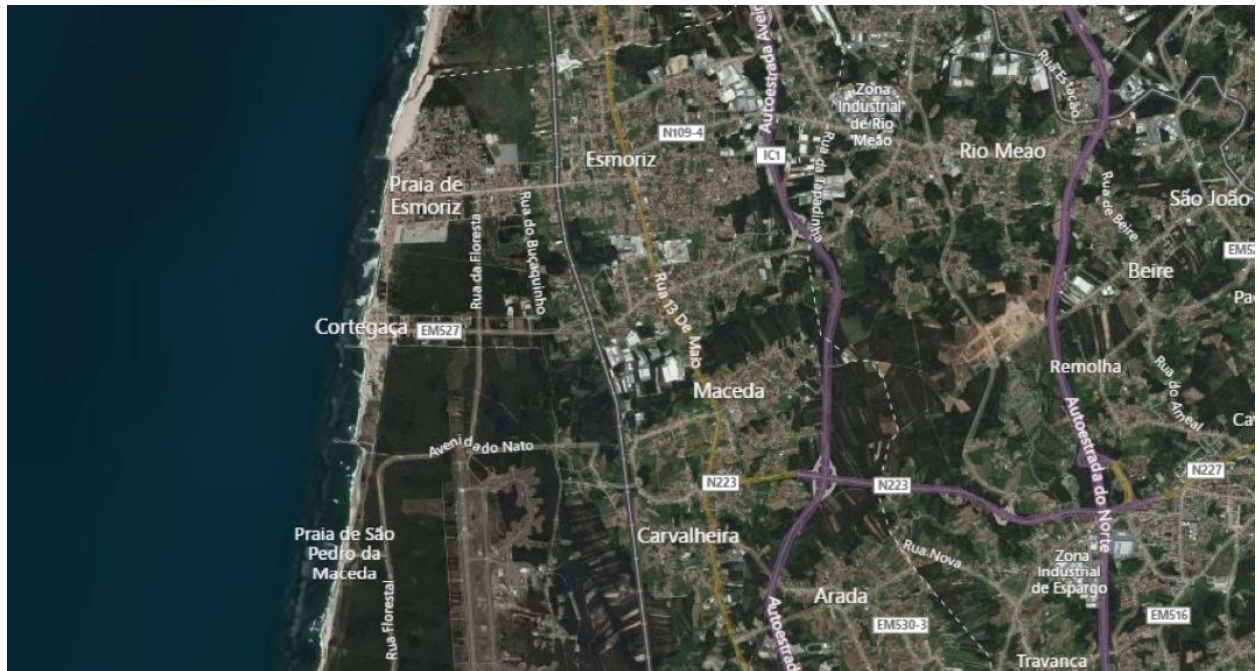


Figura 1: Fotografia Aérea de Cortegaça e arredores.

1.1. Análise de terreno na freguesia de Cortegaça

Para perceber o que pode ser feito nesta área, foi analisado o Plano de Orla Costeira (POOC) assim como o Plano Director Municipal (PDM) de Ovar, tendo assim um melhor conhecimento sobre o tipo de construção que pode ser desenvolvida.

A zona de intervenção encontra-se na faixa de Salvaguarda à Erosão Costeira de Nível 1, assim como na faixa de Salvaguarda ao Galgamento e Inundação Costeira.

Segundo o POOC de Ovar/Marinha Grande, esta orla costeira apresenta características suficientes para ser um dos maiores desafios do litoral do nosso país, principalmente em termos de gestão integrada de recursos, de actividades e de minimização de riscos sobre pessoas e bens. É um território que, apesar das suas fortes valências, apresenta grandes fragilidades geológicas que, juntamente com a forte agitação marítima, tende a formar uma situação de forte erosão costeira sendo um dos mais erosivos da orla Europeia.

Nesta zona, existe ainda um elevado número de casos de ocupação de zonas vulneráveis, designadamente a edificação em Domínio Público Marítimo (DPM). A inexistência de barreiras suficientemente fortes para travar o recuo da linha costeira torna esta uma das zonas mais frágeis, especialmente entre os troços compreendidos entre Esmoriz e Torreira, e da Costa Nova ao Poço da Cruz.

“As obras de manutenção e de reforço das estruturas de defesa são uma constante, com vista a minimizar os efeitos dos galgamentos. Neste contexto, as zonas “desprotegidas” destas estruturas apresentam graves problemas, há muito identificados, os quais tendem a acentuar-se de forma exponencial. Entre os anos 2006 e 2010 a taxa de recuo médio, entre a zona a sotamar do esporão do Parque de Campismo de Cortegaça e a zona a barlamar do esporão de Maceda, foi de -1,5 m/ano.”¹.

Relativamente à Planta de Condicionantes, o terreno encontra-se numa zona urbana e urbanizável, o que permite a intervenção. O facto de ser uma zona de domínio hídrico terá de ser considerado, visto que se trata de uma área onde o mar é bastante activo e violento. Tratando-se de uma frente urbana quase contínua, a situação de risco é, assim, muito elevada.

¹ Relatório do Programa da Orla Costeira, pág.13

Este território apresenta-se, segundo a Planta de Ordenamento do Território, numa zona de espaços naturais - praias e dunas. São assim, como disposto anteriormente, as áreas mais sensíveis do território municipal do ponto de vista biofísico, de relevante dimensão, sendo o seu principal objectivo a protecção e conservação dos valores naturais, a sensibilidade ecológica e a salvaguarda de valores paisagísticos e ambientais. Nestes espaços deve ser feita a devida manutenção das actividades culturais e tradicionais que constituam o suporte, ou que sejam até compatíveis com os valores de natureza biológica, geológica e paisagística a preservar.

Freguesia de Cortegaça - Cortegaça é um centro populacional bastante antigo. Segundo a análise de vários documentos, estes levam-nos até ao período da Reconquista Cristã entre os séculos IX e X, associando-se ao repovoamento das terras de Santa Maria (Santa Maria da Feira).

O seu nome é originário do latim "Cortegacia" de Cortecatia. Este nome, segundo alguns historiadores, deriva da palavra "cortex" (cortiça). Pensa-se que se deve ao período do repovoamento das Terras de Santa Maria. Os colonos assentaram nesta região, onde existia uma abundância de carvalheiras, sobreiros e soutos. Uma outra teoria é que lhe foi dada o nome de Cortegaça, apenas por memória a uma outra terra cujo nome era este.

Actualmente, Cortegaça é uma freguesia que integra o Concelho de Ovar. Tem 10,12 km² de área e cerca de 3837 habitantes segundo os censos de 2011. Tem uma densidade de 379,2 hab/km².

Segundo o PDM - Artigo 62.º

Regime de ocupação

O regime de edificabilidade é o previsto no POOC de Ovar/Marinha Grande e supletivamente o regime do solo rural previsto no presente Regulamento, sendo de admitir actividades que promovam a conservação e valorização dos ecossistemas em presença e ainda das actividades de lazer e de fruição das respectivas áreas, tais como cais, apoios de praia e percursos.

A Planta Síntese desta área apresenta diferentes tipos de praias sendo as que têm contacto directo com o terreno em questão são do tipo- IV (Praia não equipada com uso condicionado) e V (Praia com Uso Restrito).

Ainda segundo este plano, o terreno em questão encontra-se numa área urbana ou urbanizável.

Disposições comuns Para efeitos da promoção de um desenvolvimento urbano compacto, na ocupação do solo urbano deve:

- a) Preservar -se a diversidade funcional nas áreas urbanas consolidadas e nos solos urbanos programados;
- b) Evitar-se a mono-funcionalidade nas intervenções urbanísticas de grande dimensão e garantir uma maior relação entre as centralidades urbanas e as infra-estruturas principais preexistentes;
- c) Qualificar-se as centralidades urbanas existentes, beneficiando o espaço público, concentrando equipamentos estruturantes e localizando actividades (de lazer, restauração, comércio) que promovam a atractividade urbana;
- d) Promover-se uma oferta comercial e de serviços que favoreça a sociabilidade urbana e reforce a qualidade de vida dos residentes;
- e) Nos espaços centrais, espaços residenciais e espaços urbanos de baixa densidade, sem prejuízo do disposto no artigo 24.º, a profundidade máxima das empenas, sem considerar as varandas e os corpos balançados, é de 15 metros, com excepção de edificações ou parte de edificações para fins não habitacionais;
- f) É admissível a inexistência de afastamentos laterais, a adopção de apenas um afastamento à estrema ou a adopção de dois afastamentos laterais. Nos espaços urbanos de baixa densidade e espaços residenciais de grau II será obrigatória a adopção de dois afastamentos laterais às correspondentes estremas sempre que a frente do terreno tenha 20 ou mais metros, excepto no caso de colmatação de empena cega de edificação contígua, ou quando se trate de construções anexas;
- g) Sempre que haja lugar a afastamentos entre a fachada da edificação e o limite lateral da parcela, o mesmo não poderá ser inferior a metade da altura da edificação, com os seguintes valores mínimos:
 - i) Nas edificações inseridas em parcelas com limites laterais oblíquos, admite-se que os afastamentos laterais ao limite do terreno possam ser medidos a meio das fachadas. O afastamento lateral não poderá ser inferior, no seu ponto mais desfavorável, a 1,50 metros.
- e) Espaços de uso especial;
- f) Espaços urbanos de baixa densidade.

1.2. Sistema socioeconómico

Segundo o Relatório do POC de 2015, esta área vive essencialmente da actividade piscatória, sendo esta uma pesca baseada nas infra-estruturas portuárias existentes, assim como nas grandes linhas de praia, que permitem a prática da Arte Xávega. A pesca é, assim, considerada uma das maiores fontes de rendimento da população desta área, sendo permitido capturar algumas espécies de alto valor comercial.

O turismo começa igualmente a apresentar crescimento e a sustentar esta zona compreendida entre Marinha Grande e Ovar, devido ao mar. Com este crescimento, tem havido uma forte vontade de melhoria das condições das praias, dos aglomerados urbanos e das acessibilidades, entre outros.



Figura 2: Fotografia do Bairro das Antas.

Capítulo II - O Bairro Do SAAL

2.1. Tipologia evolutiva no projecto SAAL

Ao longo do projecto SAAL, não existiram muitas intervenções de carácter evolutivo. Depois de alguma análise para a utilizar como termo de comparação com o Bairro de Cortegaça, revelou-se que o Bairro de Chaves de Oliveira, Bairro das Antas e o Bairro da Malagueira são aqueles que mais marcaram em termos de intervenções com carácter evolutivo.

Antes de avançar, é fundamental esclarecer que uma tipologia evolutiva é uma habitação com características que permitem a adição de mais divisões. No caso do Bairro de Cortegaça, as habitações podem ser T3, e serem acrescentados até mais dois quartos, visto que os espaços destinados a essas divisões, já estão inseridos no projecto inicial.

O Bairro de Chaves de Oliveira, projectado pelo arquitecto Manuel Lessa, não é tão forte relativamente ao ponto de vista evolutivo, visto que só uma pequena parte do projecto total corresponde a esta tipologia. Porém, é desenvolvido em torno de um logradouro comum a todos os moradores, tal como acontece em Cortegaça. Trata-se de um projecto assente numa pré-existência, apresentando uma grande capacidade de inserção no meio urbano em que se encontra, sendo, contudo, um dos menos reconhecidos devido à simplicidade do projecto em termos de desenho, tal como acontece no caso em estudo neste trabalho.

O Bairro das Antas, projecto por Pedro Ramalho, já apresenta uma outra complexidade, devido às diferentes direcções das coberturas e de estar assente numa colina, o que permite uma dinâmica muito mais interessante.

Vai buscar um pouco do património arquitectónico da cidade do Porto, visto que está inserido no meio dele, usando elementos presentes nas antigas “ilhas”, como serem habitações de uma frente, por exemplo. Estas habitações, podem ser adaptadas entre o T1 e o T5.

Destes três projectos evolutivos presentes neste Processo, o Bairro da Malagueira, projecto pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira, foi que se revelou ser o mais relevante para o desenvolvimento do Bairro da Praia de Cortegaça. Este trata-se de um projecto que teve como intenção respeitar o desenho urbano já presente em Évora. Trata-se então de uma extensão da cidade.



Figura 3: Fotografia do Bairro da Malagueira.

Apresenta mais do que uma orientação, de modo a assumir uma maior complexidade e criando, assim uma textura variável.

Neste caso, é apresentada apenas uma tipologia, sendo que, todas as tipologias são de acesso directo, tal como acontece no Bairro das Antas e no Bairro da Praia de Cortegaça.

Outra característica semelhante entre o bairro da Malagueira e o bairro em estudo, é a sua funcionalidade. Ambos apresentam uma funcionalidade bastante pragmática, separando as zonas diurnas e as de maior intimidade com o desenvolvimento dos fogos em dois pisos, sendo as zonas menos privadas no piso do R/Chão e as mais privadas no piso superior.

O Bairro da Malagueira apresenta o conceito de Casa-Pátio.

Assume, assim, o carácter de tipologia evolutiva no piso superior, onde o número de quartos pode aumentar, dependendo das necessidades per-capita. Poderão existir habitações com quartos que variam entre os dois e cinco.

Hoje em dia contam-se mais de 33 tipos e subtipos de habitações.

O Bairro de Cortegaça, apesar de ter um terraço no piso superior, apresenta as características de tipologia evolutiva no piso do R/chão, podendo assim, serem adicionados até mais dois quartos.

Hoje em dia, em grande parte das habitações, os terraços existentes no piso superior, foram também, ocupados com outro terraço.

2.2. História da intervenção

Como todos sabemos, o projecto SAAL foi concebido após o 25 de Abril. Tinha como função, de Norte a Sul do país, o desenvolvimento de projectos de habitação social para aqueles que viviam em piores condições. No entanto, grande parte das intervenções propostas pelos diferentes arquitectos que participaram neste programa, não foram concluídas (...) "left more than fifty unfinished housing projects, which have been visited by more foreigner than Portuguese Architects."².

² José António Bandeirinha; Delfim Sardo; Gonçalo Canto Moniz: 74-14 SAAL AND ARCHITECTURE, 2016, pág. 13

O bairro SAAL, objecto deste estudo, é um desses casos nunca concluído. Trata-se do Bairro de Cortegaça situado no município de Ovar, Distrito de Aveiro. Foi desenvolvido pelo arquitecto António Júlio Cardoso e Moura juntamente com um outro colega, arquitecto Alfredo Resende. A Brigada Técnica foi gerida pelo engenheiro Vítor Abrantes.

Esta obra estava ao encargo do Serviço SAAL/Norte. O início da operação desta obra foi em fins de 1974. No entanto, a obra iniciou-se durante o ano de 1976.

Apesar de estarem previstos 27 fogos, até 30/10/1976, tinham sido iniciados 21 fogos. Relativamente a tipologias, estes primeiros 21 fogos eram constituídos por 4 fogos T2, 8 fogos T3 e 9 fogos T5. Todavia, grande parte das famílias eram de tamanho dito "normal", um casal e dois filhos.

Segundo o arquitecto, todas as habitações são evolutivas, passando pelo T2, T3 e T5. Para ele, na zona do Porto, seria um desenho inovador dentro dos projectos SAAL. Apesar de estar a desenvolver as suas próprias tipologias, o arquitecto esteve sempre atento ao que se passava na cidade Invicta, relativamente a este programa, examinando especialmente as obras do Siza Vieira serem realizadas na altura.

As habitações anteriormente existentes, apresentavam muito poucas condições de habitabilidade, estando repletas de humidade, pela sua proximidade ao mar, sendo o chão a própria areia da praia existente em frente a este bairro.

Tendo o arquitecto António Moura casa nesta freguesia, sentia-se muito desconfortável com as condições daquelas habitações. Com cerca de 27 anos, propôs ao seu colega, o arquitecto Alfredo Resende, desenvolver um bairro social novo para substituir aquelas casas. No desenrolar deste projecto, estes arquitectos souberam então do processo SAAL dando origem ao convite formal para trabalharem segundo este programa.

A comunicação com a população foi sempre favorável, existindo, segundo o arquitecto, bastantes reuniões nocturnas, até madrugada, o que tornaria o processo mais cansativo. Tendo os locais pouco ajudado na construção das novas habitações, não hesitaram, contudo, em fazer posteriormente as suas próprias alterações ao projecto. Apesar disto, o projecto propriamente dito, foi construído totalmente de acordo com os desenhos, visto que estes eram de grande simplicidade e bastante explícitos. Trata-se de construção em bloco de cimento com estrutura em betão, onde as caixilharias originais eram em madeira, assim como as escadas, exceptuando os três primeiros degraus. "Uma construção pobre", segundo o arquitecto.



Figura 4: Fotografia de dois fogos do Bairro do SAAL da Praia de Cortegaça.



Figura 5: Fotografia de um fogo do Bairro do SAAL da Praia de Cortegaça.

2.3. A importância da reabilitação

Actualmente, cerca de 43 anos após a construção do bairro, este apresenta graves deficiências, tais como infiltrações, degradação das escadas interiores e canalizações e sistema eléctrico já com necessidade de substituição. Para além disso, a ausência de uma casa de banho no piso inferior, complica a utilização dos habitantes já de idade avançada, sendo, em alguns casos, bastante difícil usar o acesso vertical presente no interior destas habitações. Os logradouros frontais e tardoz, apesarem de terem sido desenhados no projecto inicial, foram "ajustados" pelos habitantes sendo que, umas habitações apresentam uns logradouros maiores do que os outros.

O que há 43 anos foi um alívio para estas famílias, hoje encontram-se quase na mesma situação. "(...) as habitações construídas depois de 1940 representam conforme os países, 50%, 30% ou 15% do parque habitacional actualmente existente, o que significa que a população dispõe principalmente de habitações antiquadas. Se considerarmos essas habitações obsoletas, apercebemo-nos de que a escassez de alojamentos não é unicamente quantitativa, mas também qualitativa. Daí que, supondo mesmo a situação ideal de cada família dispor de uma habitação, não se segue que todas estejam bem alojadas, já que é necessário que aquela habitação disponha dos requisitos que permitam a satisfação mínima das necessidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas dos agregados familiares"³. Apesar de esta citação ter sido escrita para apoiar de certa forma, a construção de novas habitações ou reabilitação das já existentes entre os anos 40 até ao início dos anos 70, nos dias de hoje tem que se tomar a mesma atitude relativamente aos alojamentos construídos durante o Projecto SAAL e os anos seguintes.

³ Ministério das Corporações e Previdência Social, Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas: Estudo, Serviço de Inquéritos Habitacionais 1971, p.8

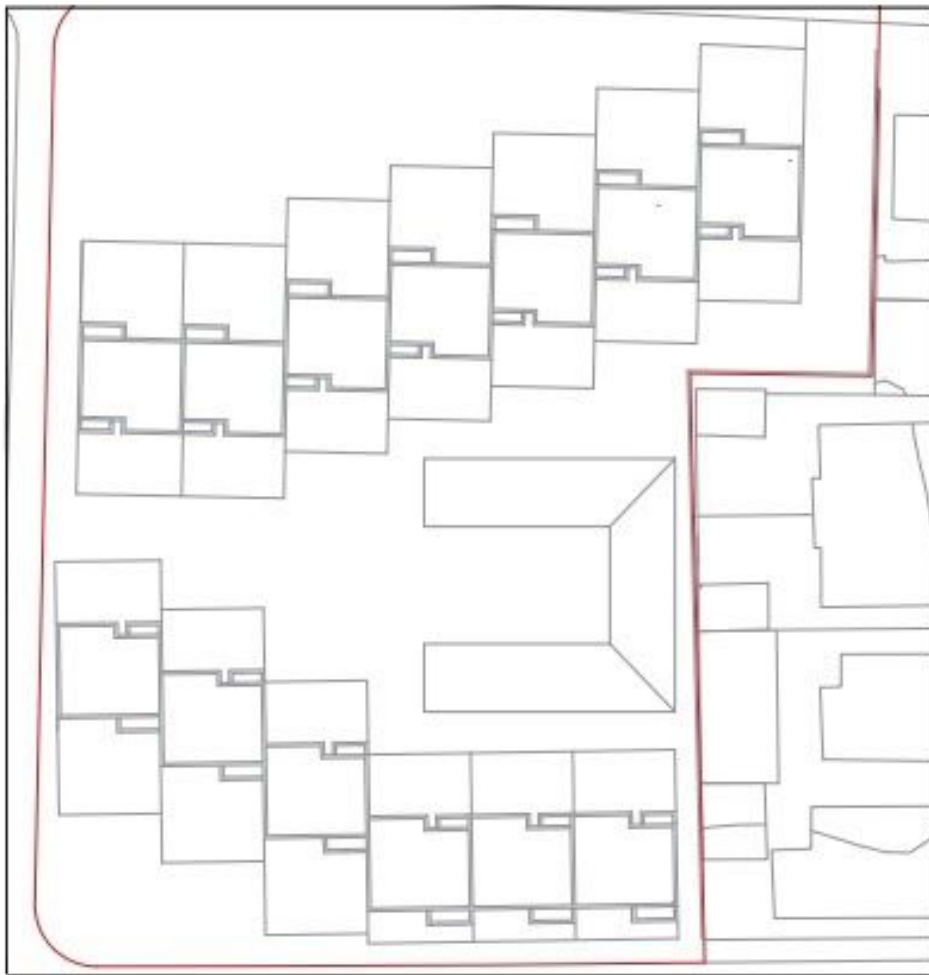


Figura 6: Planta de Implantação do Bairro do SAAL da Praia de Cortegaça, segundo a nova proposta.

Capítulo III - Recuperação e reinterpretação de habitações evolutivas no Bairro do SAAL

3.1. Considerações prévias

Depois da análise ao estado deste bairro, pretende-se reabilitar as habitações, embora adaptando-as às comodidades actuais, com maiores condições de habitabilidade, quer no interior das habitações, quer no exterior. Pretende-se estimular o convívio entre a comunidade através de uma intervenção nos espaços exteriores.

Tendo em consideração o projecto de reabilitação, para o local, da Câmara Municipal de Ovar, já adjudicado, onde está proposto uma instalação sanitária no piso do R/Chão, uma cozinha renovada e a substituição das escadas interiores, tentei ir um pouco mais longe e desenvolver uma proposta que responda a todas as necessidades desta comunidade, apresentando uma contraproposta. Após ter analisado o programa exposto pela CMO, decidi desenvolver mais alguns espaços, entre os quais uma zona de arrumos/lavandaria, um quarto e uma instalação sanitária no piso do R/Chão. No piso 1, foi proposto o desenvolvimento de mais um quarto e de uma outra instalação sanitária.

Para além destes novos espaços, será feita a reabilitação de todas as divisões interiores existentes, tais como a cozinha, a sala de estar, os três quartos e a instalação sanitária que serve toda a habitação.

A zona exterior sofrerá alterações, com o intuito de uniformizar diversas situações que permitirão uma melhor vivência deste bairro, assim como uma melhor qualidade arquitectónica. O objectivo passa por desenhar estes espaços, de forma a prevenir a construção de anexos por parte dos moradores, não previstos no projecto. Assim, o conjunto habitacional poderá manter-se harmonioso, destacando-se a qualidade arquitectónica do conjunto habitacional evitando, assim, qualquer tipo de conteúdo que possa prejudicar a imagem deste projecto do Programa SAAL.



Figura 7: Plantas, cortes, alçados e vermelhos/amarelos das habitações do Bairro do SAAL da Praia de Cortegaça

3.2. Conceito da reabilitação em habitações evolutivas

Tratando-se de habitações evolutivas, foi decidido tirar partido desta característica para desenvolver o conceito da reabilitação. Assim sendo, todos os espaços acrescentados às habitações estão dispostos nas zonas previamente decididas pelo autor do projecto, para a construção de mais dois quartos, dependente da decisão do proprietário.

Após ter observado todas as alterações realizadas pelos proprietários das casas fizeram, entendi que seria necessário o preenchimento de todos os espaços “vazios” na habitação, controlando estas intervenções e mantendo o sentido de unidade.

Como já referido nas considerações prévias, a intenção é completar cada uma destas casas com o necessário. Remodelar a cozinha, substituir as escadas interiores e, na área evolutiva, localizar uma casa de banho, um quarto e uma zona de arrumos. Estas três divisões são necessárias para um melhor funcionamento da habitação, conseguindo dar apoio a pessoas com mobilidade mais reduzida, um caso bastante vulgar neste bairro.

No piso superior, existe um terraço de grandes dimensões onde, em maioria dos casos, foi construído mais um quarto. Para evitar construções “clandestinas”, escolheu-se propor um quarto com instalação sanitária para esse espaço. Com esta proposta, existem duas casas de banho para servir quatro quartos no piso superior.

Relativamente aos espaços exteriores, foi feita uma proposta de regularização das dimensões dos logradouros para todas as habitações, com o intuito de valorizar o sentido de unidade. Contudo, existiram mais duas motivações que levaram a esta decisão. Ao reduzir as dimensões dos logradouros, os espaços exteriores ficam mais contidos, pelo que não será possível o acrescento de “barracos”. Daí a proposta da zona de arrumos no interior da habitação. As casas ficam com logradouro frontal e no tardo, com dimensões suficientes para uma churrasqueira, um quintal ou jardim, porém, mais contido. A outra vantagem é a possibilidade da criação de um espaço central ao conjunto das habitações, onde foi proposta uma cobertura que protege os lugares de estacionamento. Trata-se de um espaço de estacionamento, porém, com área suficiente para promover o convívio entre toda a comunidade. As fachadas frontais ficarão livres de automóveis, permitindo a contemplação e admiração desta obra do SAAL.

Esta atitude projectual respeita o conceito da tipologia evolutiva, assim como a vida dos que ali habitam.

3.3. Materiais

Como já foi referido, a intenção não é substituir o existente, mas sim completá-lo com espaços necessários no dia-a-dia. Como tal, foi decidido destacar o “novo” do “velho” através dos materiais e da volumetria. Todas as zonas foram acrescentadas ao existente, visto que os volumes onde estão situadas estas divisões são mais salientes do que o resto da construção. Com esta condição, vai existindo um jogo de luz/sombra que torna as fachadas, tanto a frontal como a traseira, mais interessantes e chamativas. Para além deste jogo de cheios e vazios, decidi propor o uso de dois materiais de revestimento diferentes nas fachadas. Para o existente, o sistema ETICS, com uma tonalidade semelhante ao cinzento a que os blocos de betão nos habituaram. Relativamente aos novos volumes, cerâmica branca, criando assim um contraste entre as duas partes. Materiais simples e de custos mais controlados que trarão um melhor conforto visual e, ainda, um melhor comportamento térmico no interior das habitações. No interior, o chão será em cerâmico, e as paredes rebocadas e pintadas a branco. A intenção no interior é tornar os custos de manutenção igualmente baixos, seguindo a ideia do existente antes desta proposta.

As escadas interiores serão substituídas. As originais são feitas em madeira, mas os degraus que vão até ao primeiro patamar são feitos em betão para evitar o contacto da madeira com o solo. Infelizmente, tantos anos de infiltrações e humidade apodreceram as escadas. A intenção é propor um material mais duradouro e de menor manutenção para a execução do novo acesso vertical, provavelmente aço ou betão.

Nas zonas exteriores, o pavimento será todo tratado da mesma forma, em betão afagado. O padrão do pavimento é diferente entre a zona de estacionamento dos automóveis e a área de circulação e de permanência dos habitantes. Todos os logradouros estão protegidos com guarda-corpos em ferro forjado. A cobertura desenvolvida para protecção dos automóveis apresenta uma estrutura em aço.



Figura 8: Fotografia da actual lota da zona de Cortegaça e Esmoriz.

Capítulo IV - Breve enquadramento histórico e tipológico do centro cívico/comercial

4.1. A necessidade de maior apoio à comunidade

As freguesias de Ovar junto à costa sempre tiveram uma cultura muito ligada à pesca. O estilo que é praticado é a Arte Xávega. Todavia, no centro norte e litoral, era designado por Campanha das Artes visto que, apesar de o tipo de pesca ser idêntico, a forma dos barcos era substancialmente diferente, com uma proa mais elevada, para aguentar a força do mar, e o fundo chato.

Duas das freguesias que sempre tiveram esta cultura, são Cortegaça e Esmoriz. No entanto, Cortegaça é a que necessita de uma intervenção de maior envergadura para revitalizar esta área.

O apoio à pesca em toda esta zona é bastante reduzido. Existe uma pequena lota, na freguesia de Esmoriz, sendo unicamente uma antiga arca frigorífica e um barraco de madeira. Não existem infra-estruturas para apoiar o tratamento das redes de pesca. Contudo, os barcos são arrumados em alguns barracões de madeira na primeira linha de terra em frente ao mar. Tais barracões serão, posteriormente, destruídos visto que o POC assim o estipula.

Tendo tudo isto em consideração, foi decidido desenvolver um equipamento na freguesia de Cortegaça com todas as condições para tratar de todo o equipamento de pesca, onde existirá uma lota, juntamente com mercado de frescos.

Para completar o equipamento, foi necessário fazer um levantamento das necessidades de Cortegaça. Nesse levantamento, foi salientado que quase nada existe para apoiar a população. Foi este o ponto de partida para o desenvolvimento de um programa para servir todas as necessidades daquela comunidade.

Ao juntar todos os elementos, foi possível desenvolver um espaço público, ladeado por todos os serviços que achei pertinentes.



Figura 9: Fotografia da Praça do Comércio em Lisboa.

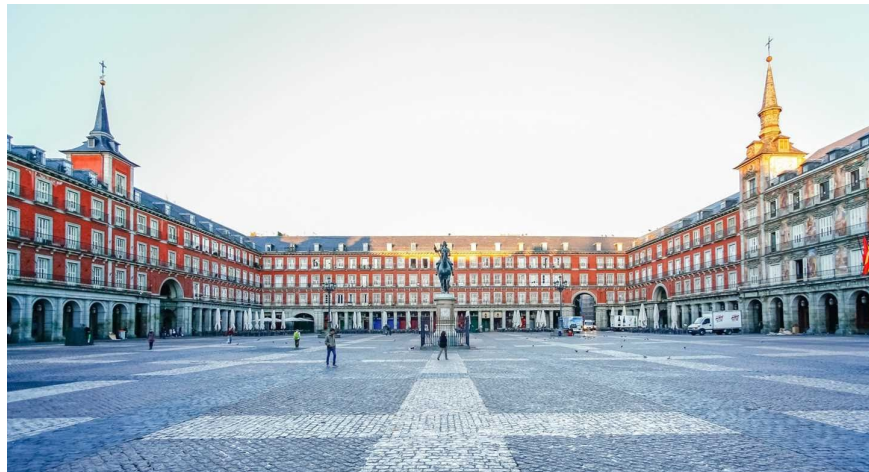


Figura 10: Fotografia da Plaza Mayor de Madrid.

4.2. A Praça

"A palavra praça designa um espaço livre que serve uma determinada função: a praça como espaço criado pelo homem e disposto para os seus fins, portanto um espaço amplo, mas com um conteúdo definido. Por isso diferente de campo (extensão de terra), do terreiro (derivado de térreo), do rossio (terreno residual) e do largo (como designativo de uma extensão transversal, como dilatação espacial por oposição ao estreito). É por via erudita que a civilização ocidental utiliza a praça com um sentido muito próximo da ágora ou do fórum resume essencialmente a representatividade política da cidade, com formas diferentes das formas clássicas."⁴

Margarida Tavares da Conceição

A Praça sempre teve um grande peso na forma como vivemos uma cidade, uma aldeia ou uma vila. É um espaço que nos traz mais vida e um maior domínio público. Permite haver uma vivência colectiva, visto que promove a sociabilidade do meio urbano em questão, correspondendo ao centro cívico das cidades.

Os países ocidentais como Espanha, Itália e Portugal necessitam deste espaço público para apoiar o estilo de vida praticado. Vivemos bastante na rua e a tendência é para que se viva ainda mais.

Este espaço público foi evoluindo ao longo dos nossos tempos de existência. Chegou a ser a ágora ou o fórum, onde aconteciam os encontros relacionados com o conhecimento e a cultura, onde as ideias eram expostas, onde, durante a Idade Média, aconteciam as execuções públicas, assim como funerais, ou ainda os casamentos, comércio e até ritos religiosos.

Edifícios como a câmara municipal, a igreja, o mercado, foram sempre construídos adjacentes a uma área desocupada, com o intuito de facilitar a circulação entre as pessoas, assim como dos veículos que por ali passariam para fornecer e servir estes edifícios que sempre promoveram o uso das praças. A funcionalidade foi sempre o factor de maior relevância.

Durante o período Renascentista e até o Barroco, estes espaços transformaram-se novamente. O seu tratamento foi muito mais elaborado, para ficar em sintonia com os palácios majestosos construídos na altura. A questão social começou a ser pertinente nestes

⁴ Daniela Pereira: O conceito de praça na cidade da Guarda entre a Idade Média e a Idade Moderna, p.325



Figura 11: Fotografia da Avenida dos Aliados no Porto, durante o séc.XX.

espaços públicos. As questões arquitectónicas e paisagísticas começaram a ter um outro peso para o desenvolvimento das praças.

Actualmente, as praças apresentam características muito mais urbanas. Um exemplo disto é a Avenida dos Aliados. Anteriormente, era organizada com canteiros ajardinados, intocáveis pelos transeuntes que ali passavam. Contudo, era impossível realizar grandes eventos culturais. Esse foi um dos principais motivos pelos quais a Avenida dos Aliados sofreu tão grande transformação. A cidade necessitava de se adaptar às novas tendências e necessidades da população do século XXI. Voltámos a ter espaços amplos, sem grandes ornamentações para permitir uma maior versatilidade de utilizações. Contudo, é difícil encontrar o equilíbrio entre estas duas vertentes. Um espaço disponível, tal como o que acontecia na Idade Média, porém com um pouco do "glamour" existente no Período Renascentista e Barroco, onde as zonas de relaxamento e contemplação ganharam um enorme peso.

Para além destas componentes sociais e arquitectónicas que se foram adaptando ao longo dos anos, a praça desempenhou sempre um papel importante relativamente ao comércio da cidade. As feiras eram realizadas nestes espaços públicos e ainda continuam a ser actualmente. Os mercados, as lojas, os restaurantes, etc., sempre se tentaram implantar em torno destes espaços, dado serem utilizados por inúmeras pessoas. A praça é um espaço comercial tão ou mais importante do que qualquer outro. Ainda hoje, é fundamental a relação directa entre todos estes espaços comerciais.

Todas as grandes cidades têm uma praça referencial. Madrid com a Plaza Mayor, Lisboa com a Praça do Comércio, são apenas alguns exemplos. Estes são espaços que nos permitem estabelecer uma ligação muito maior com os que nos rodeia.

São poucos os elementos arquitectónicos que acompanham a evolução da cidade. Os edifícios mantêm-se inalteráveis para continuar a respeitar o estilo da época contudo, e como referido anteriormente, a praça tem de respeitar os novos valores da sociedade. Se tal não acontecer, o espaço não terá a utilização que deveria, tornando-se num espaço incompreendido e esquecido da cidade.

4.3. A Evolução dos espaços comerciais

As trocas comerciais começaram por ser realizadas durante a época clássica, nas ágoras, durante o império Grego e, mais tarde nos fóruns, durante o império Romano. Este último espaço referido foi desenvolvido tendo por base os conceitos dos espaços projectados pelos gregos. Espaços amplos, completamente abertos, circundados por galerias (Stoe no caso dos gregos) que chegaram a ter a função de espaços comerciais. Contudo, ao longo do tempo, tal tem vindo a alterar-se

Ao longo dos séculos os espaços para trocas comerciais foram-se alterando e adaptando às necessidades. A Europa, durante o séc. VIII, estava abandonada, sendo a população escassa tendo em conta a dimensão do continente. No entanto, a partir do séc. X, tal foi alterado, com um aumento populacional significativo.

Com esta condição, a população passou a cultivar os seus próprios alimentos, assim como começou a ter a sua produção de gado. Um pouco como aconteceu com a civilização neolítica.

Tendo isto como base, o comércio renasce, ocorrendo a ampliação e a renovação das rotas comerciais. As diversas invasões que existiram entre os vários países, estimularam este desenvolvimento. Como consequência aparecem as primeiras caravanas, assim como as associações de mercadorias.

Com estas novas necessidades, as cidades começaram a localizar-se a menor distância de portos fluviais para facilitar as trocas comerciais e, dentro dos núcleos, surgem as feiras e os mercados, com base no feudalismo. A cidade e o comércio estabelecem uma forte ligação, pois os lucros eram bastantes, o que funcionava como motor impulsionador para o desenvolvimento da cidade.

Durante o séc. XI surgem infra-estruturas, tais como os mercados e os armazéns. Já no séc. XIV surgem as lojas que tinham uma dupla funcionalidade. Para além da venda do produto, funcionavam ainda como oficina. Contudo, os armazéns continuaram a ter uma importância de maior relevo, pois respondiam melhor à necessidade de armazenagem dos excedentes de mercadoria. Ao serem mais relevantes, começaram a surgir com uma arquitectura de maior imponência, tal como aconteceu com as igrejas quando era a religião que orientava a sociedade e a sua forma de viver.



Figura 12: Fotografia do Mercado Ferreira Borges, no Porto.

A partir do séc. XVII, tudo começou a mudar, visto que surgiram novas preocupações que começaram a ser tomadas em conta, após o Renascimento. Os mercados tinham que respeitar as novas normas, entre elas, a higiene e a funcionalidade.

No final do séc. XVIII volta a acontecer uma reviravolta no que toca à estrutura social e económica. A introdução da máquina permitiu um aumento da produção, o que resultou numa descida de preço, porém, num aumento dos lucros. Surge uma nova sociedade, com novos postos de trabalho, tais como o operário, e novas áreas de trabalho tais como a fábrica.

Com estas mudanças, as preocupações com os acessos, o armazenamento, a higiene e a segurança tornam-se ainda mais imprescindíveis. Os espaços começam a ser reformulados segundo estes princípios.

Com o aumento da produção, espaços como o mercado são absorvidos pelas novas tendências da sociedade. As galerias e bazares assumiram esse papel visto que o consumismo começou a aumentar. Todavia, apenas as classes mais altas é que conseguiam usufruir das galerias. Os mais pobres eram automaticamente excluídos desta realidade.

Durante o séc. XIX, as alterações foram notórias, incluindo no ramo da arquitectura. Materiais como o vidro e o aço foram introduzidos nas construções dos novos edifícios, o que permitiu maiores vãos e uma melhor ventilação. No Porto temos o exemplo do Mercado Ferreira Borges, onde estes dois materiais foram usados para a execução do mesmo.

Durante a década de 1830, surgiram as *passages* e as arcadas, espaços onde eram vendidos produtos oriundos do capitalismo industrial.

Todo este percurso conduziu a sociedade geral para um grande consumismo que atingiu o seu clímax durante o séc. XX, onde apareceram os grandes armazéns.

Esta tendência levou ao desenvolvimento de grandes superfícies comerciais, tais como os centros comerciais e os hipermercados.

A sociedade não pode viver sem o comércio e o mercantilismo. Porém, é o comércio de rua que melhor nos demonstra a cultura local.

O mercado continua a ser o espaço mais adequado para a venda de produtos locais, como é o caso do peixe em Cortegaça. Com este espaço, os pescadores

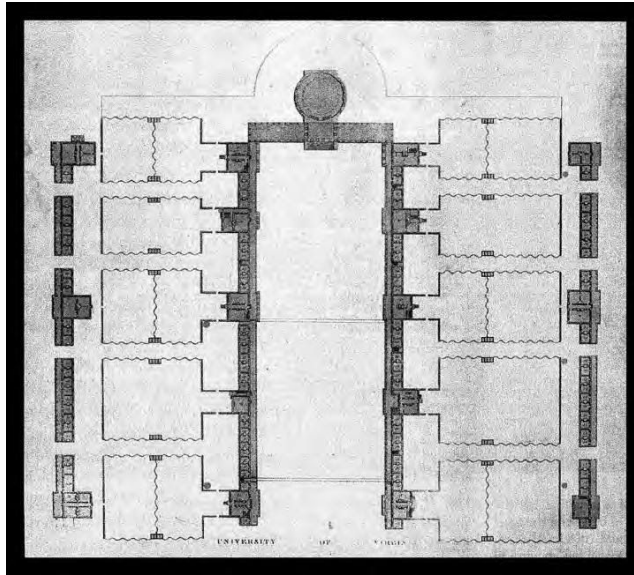


Figura 13: Planta de Implantação da Universidade da Virgínia



Figura 14: Planta do Bairro da Bouça, no Porto.

podem vender a mercadoria uma baixa de preço provocada pelos intermediários que procuram sempre a revenda do produto comprado.

Continua a ser o melhor espaço para apoiar a comunidade local, onde podem vender a sua própria mercadoria sem terem de se submeterem a grandes cadeias de distribuição.

O desenvolvimento do mercado nesta zona seria certamente um meio impulsionador da economia e da cultura local.

4.4. A tipologia em “U”

Os tipos e as formas de edifícios foram sendo adaptadas ao longo dos tempos e moldados às novas mentalidades e necessidades, tal como foi explicado relativamente à praça e ao mercado, nos capítulos anteriores. Porém, e como demonstrado no livro do Professor Sérgio Mendes “Thomas Jefferson e o Projecto da Universidade da Virgínia”, a tipologia em “U” pode já ter aparecido muito antes, na época de Andrea Palladio. Com o intuito de dar mais ênfase a um espaço central, ladeado em três lados por construções, estando o quarto exposto. Para Thomas Jefferson, esta forma de organização de um ou vários edifícios representava “(...) a abertura de horizontes, com o objectivo de que abrissem igualmente as respectivas mentalidades para os novos campos de estudo”.⁵ Algo controverso, visto que na altura, todas as universidades eram desenvolvidas para o interior, com a intenção de isolar os alunos das tentações do mundo exterior. Segundo Jefferson “Um imenso edifício, um pequeno para cada professor organizados a distâncias adequadas em torno de um parque, para permitir a ampliação, ligados por uma praça, para que eles possam deslocar-se sem apanhar chuva de uma escola para outra. Esta tipologia citadina é preferível a um único grande edifício por muitas razões, principalmente aquelas relacionadas com o fogo, saúde, economia, paz e sossego”⁶.

Actualmente, outros arquitectos têm como base esta tipologia, sendo Álvaro Siza Vieira um deles. Uma das suas obras é o Bairro da Bouça, um projecto disposto em quatro fileiras de habitações, rematadas e ligadas entre si com uma parede de betão que separa o

⁵ Sérgio Mendes: “Thomas Jefferson e o Projecto da Universidade da Virgínia”, Ed. CESAP, Porto, 2017, p. 23.

⁶ Sérgio Mendes: “Thomas Jefferson e o Projecto da Universidade da Virgínia”, Ed. CESAP, Porto, 2017, p. 13.



Figura 15: Fotografia aérea do "Edifício sobre a Água".

bairro da linha do metro. Entre cada duas destas fileiras, existe um espaço amplo, que funciona quase como área urbana. Contudo, não está totalmente fechado. Um dos lados está aberto para a rua, convidando as pessoas a entrar e a usufruir daqueles espaços juntamente com os habitantes. Esta é a verdadeira importância neste exemplo, o não-isolamento da comunidade e a sua introdução no meio urbano através destes espaços criados através da tipologia em "U".

Um outro exemplo é o "Edifício Sobre a Água" que Siza Vieira desenvolveu em colaboração com o arquitecto Carlos Castanheira, na China. A obra representa metaforicamente um dragão sob a água, desenvolvido em forma de "U", ladeando em três lados uma porção generosa deste recurso. O espaço central torna-se relevante para destacar os elementos que compõem o projecto e a forma em "U" permite uma melhor compreensão e contemplação do edifício, reforçando a ideia de complexo. Ao assumir esta forma permite resolver o programa de uma forma mais subtil, fazendo com que se misture com a paisagem, não se destacando como os edifícios massivos desenvolvidos em altura. Os arquitectos conseguem tirar proveito de todas as vantagens desta tipologia em "U", elevando-a um pouco mais. Utilizam o espaço central como parte do cenário, marcando os percursos que o atravessam, permitindo uma circulação mais rápida e diferentes perspectivas desta obra escultórica.

Depois de pesquisar pesquisa sobre o tema, utilizando estes edifícios como exemplo, foi decidido que esta é uma tipologia que resulta para o desenvolvimento de edifícios de maiores dimensões. Os espaços de carácter público ganham uma maior definição, não sendo inteiramente fechados ao mundo exterior. Ganham uma maior capacidade para se misturar com a sociedade, sem criar uma barreira física considerável entre uma realidade e a outra. O edifício consegue envolver-se melhor com o terreno e a paisagem na qual está implantado, não se impondo à envolvente, ao terreno e ao que o rodeia.

Permite a interacção de diferentes culturas, convidando-as a entrar e a percorrer todo o seu espaço amplo, as galerias que o circundam, assim como perceber o que desenrola em torno dele. O edifício deixa de terminar nos limites do terreno e prolonga-se para o ambiente urbano no qual está inserido. Assume o carácter de espaço urbano, aberto para todos e disposto a servir.

Existem vários exemplos de edifícios em forma de "U", contudo, os três anteriormente referidos neste texto, justificam as motivações da proposta do centro cívico/comercial segundo esta tipologia.

Capítulo V - Casos de estudo

5.1. Lota do portinho de pesca de Castelo de Neiva

Depois de uma longa pesquisa, procurando exemplos de projectos de lotas, não foram muitos os exemplos encontrados.

A lota do portinho de pesca de Castelo de Neiva ainda está em fase de construção. Irá servir cerca de uma centena de famílias de pescadores e, aproximadamente, 30 embarcações de pequenas dimensões, assim como 70 pescadores.

Em termos de desenho arquitectónico, demonstra possuir uma grande funcionalidade do espaço interior. Relativamente ao exterior, o edifício não apresenta um grande impacto visto que do outro lado da rua existe um outro edifício de maior envergadura. Esta lota funciona como uma transição da zona urbana para a zona natural. Com o jogo de volumes realizado na fachada Este, consegue colmatar um passeio já existente.

Depois da análise da planta deste equipamento, a zona de exposição é o espaço de maior relevância. Todos os outros compartimentos desenrolam-se em torno deste. Apresenta dois pontos de acesso pelo exterior. Porém, a zona de exposição e a zona de leilão não deveriam funcionar como dois espaços independentes, principalmente quando este último espaço, assume um carácter de corredor. A área administrativa é o único compartimento que tem contacto com estas duas áreas.

Uma outra situação discutível é a forma como o armazém e a zona de lota estão separados. O arquitecto desenvolveu uma zona de circulação que termina numa parede, permitindo apenas o acesso à zona de lota. A intenção foi a de tornar estes dois espaços completamente independentes um do outro, todavia poderiam ganhar mais qualidade se estivessem em contacto um com o outro. Nesta proposta, tal foi realizado, funcionando o armazém como antecâmara entre o mercado e a lota.

Se as instalações sanitárias estivessem situadas nesta separação física, poderiam servir as duas zonas de trabalho, ganhando-se mais espaço de armazenagem ou para outros fins imprescindíveis para esta prática da pesca.

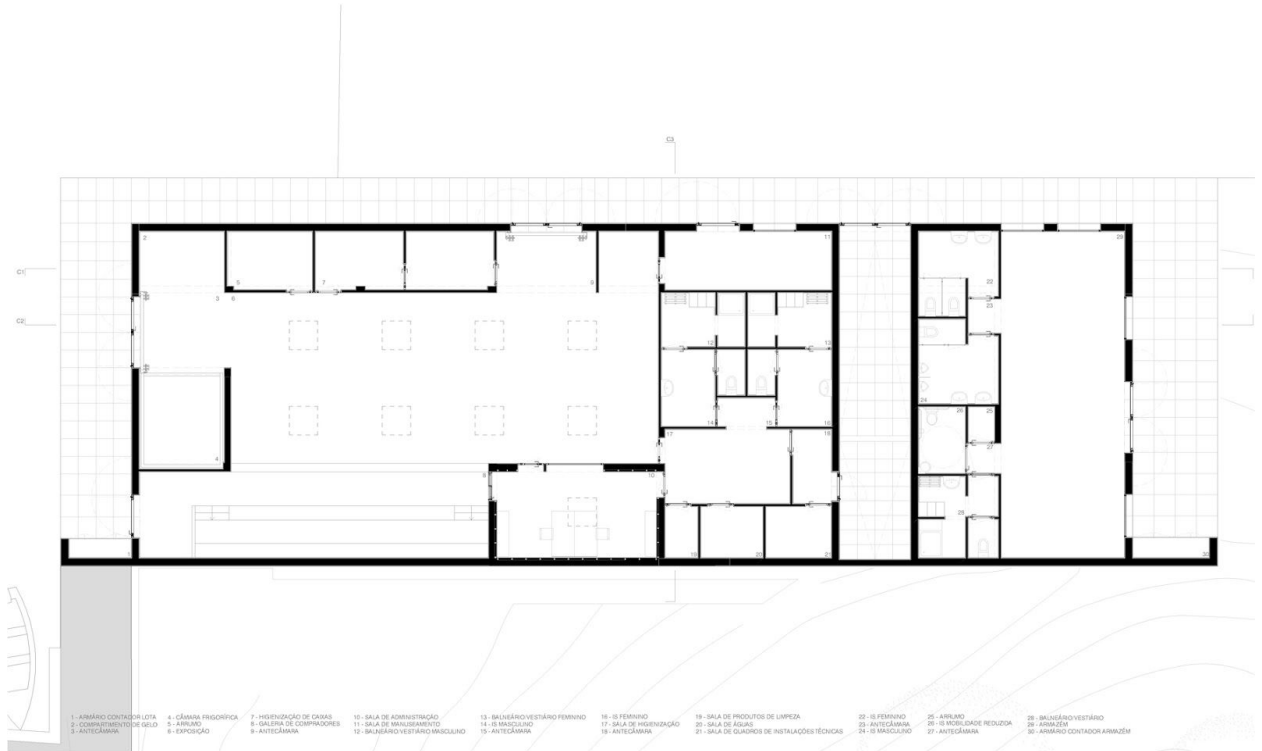


Figura 16: Planta da lota do portinho de Castelo de Neiva.

A lota do portinho de pesca de Castelo de Neiva foi o caso de estudo que melhor se enquadra neste projecto. Apesar de não ser um exemplo seguido em termos formais, constituiu um guia para a percepção das áreas necessárias para um bom funcionamento do espaço.

Como conclusão, uma lota é um espaço com uma complexidade muito superior do que àquela que poderá ser inicialmente percebida. Para ficar bem desenvolvida e ser suficientemente prática para servir como apoio aos pescadores, tem de apresentar espaços como zonas de lavagens de caixas, uma câmara de gelo, zonas de manobra, áreas de cargas e descargas, áreas técnicas, câmara frigorífica, balneários masculinos e femininos, zona de leilão e área administrativa. Todos estes espaços são adaptáveis à utilização que a lota poderá vir a ter. Este exemplo foi utilizado visto que, em termos de dimensões, se enquadra nas dimensões pretendidas para o edifício desenvolvido nesta proposta. No entanto, em termos de desenho arquitectónico, existem espaços no projecto para Castelo de Neiva que poderiam ter sido melhor aproveitados, evitando muitas das antecâmaras, ou até zonas de circulação desnecessárias.

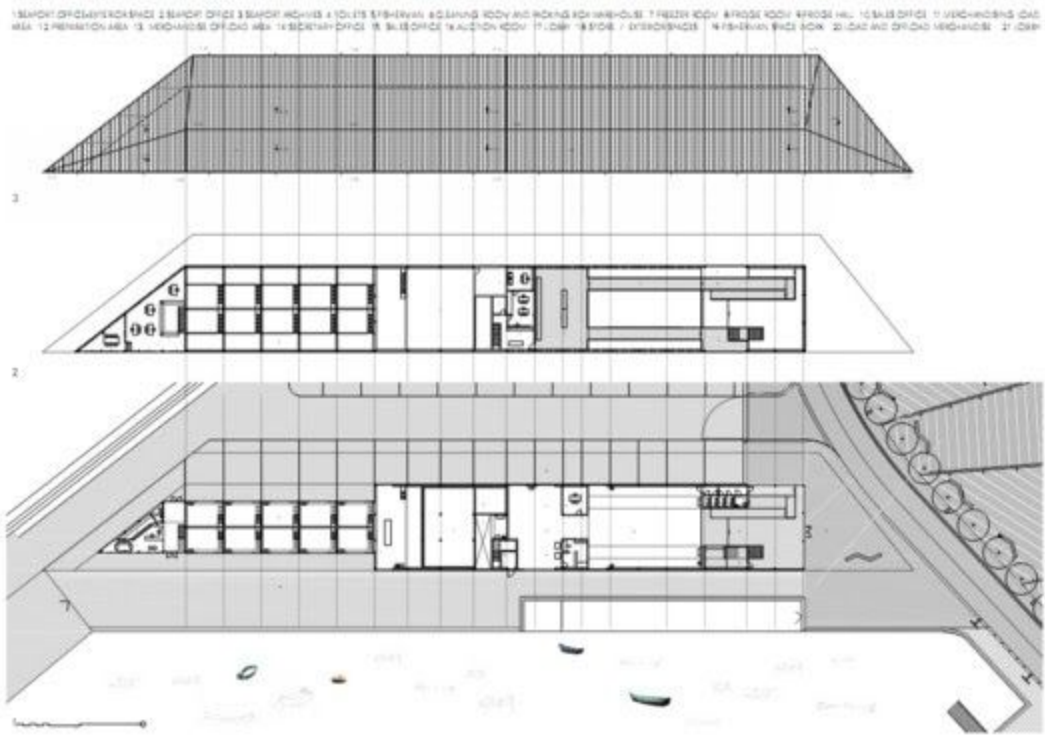


Figura 17: Plantas do "Fisterra Market".

5.2. Fistera Market

Apesar da lota do portinho de pesca do Castelo de Neiva ter sido o principal exemplo no que refere à dimensão de espaços, foram pesquisados outros exemplos deste tipo de equipamentos que pudessem ajudar a “limar” a organização espacial. Este é um desses casos.

O “Fistera Market” é um edifício desenvolvido pelo Atelier de Arquitectura CREUSECARRASCO, em 2006. Tem o aço e o vidro como principais materiais.

Apresenta como principais funções o leilão, mercado, controlo piscatório, zonas de trabalho para pescadores e áreas de tratamento do peixe. As principais características retiradas da análise do desenho do edifício são as suas linhas oblíquas, presentes em cada um dos extremos do volume, para seguir alinhamentos já existentes na área de intervenção. Contudo, essas linhas estão presentes apenas na cobertura que foi prolongada para criar zonas mais chamativas e imponentes, nos principais acessos do público. Apesar de apresentar as mesmas utilizações pretendidas para o mercado presente no equipamento desenvolvido neste projecto, é um edifício com dimensões que não se justificam para a área de intervenção em questão.

O mais interessante neste caso é o facto de existirem duas rotas distintas: a do público e a dos pescadores. Assim, o edifício consegue funcionar de uma forma mais fluída, sem o público atrapalhar o trabalho dos profissionais. Para existirem estes dois percursos, o edifício foi desenvolvido em dois pisos. Segundo os arquitectos, a primeira rota encontra-se a um piso superior, no sentido longitudinal do edifício, onde o público pode circundar as zonas de leilão. O segundo “itinerário” está situado no piso do R/Chão. Trata-se da zona de mercado. Está servida de acessos cruzados onde se pode carregar e descarregar mercadoria sem grandes dificuldades. São ainda dispostos vários acessos verticais para facilitar a deslocação no interior do edifício.

Este foi um conceito que foi decidido ser utilizado neste projecto. A zona de cargas e descargas, assim como a área de oficina e de tratamento de mercadoria estão separadas das principais rotas do público. Assim, consegue-se ter um funcionamento mais fluído do edifício, bem como ambientes de trabalho mais calmos para os pescadores e outros profissionais relacionados com esta área.

5.3. WISTIK library and kindergarten

Este projecto foi desenvolvido pelo TOOP Architectuur e Steve Vandendorre na Bélgica, numa pequena vila denominada por Eksaarde, em 2018. Tem 617 metros quadrados de área total.

Foi desenvolvido com o intuito de existir um “local” onde as pessoas se pudessem encontrar. O carácter de edifício público foi bastante enfatizado através das oportunidades que podem ser criadas para encontros entre a comunidade.

Segundo os arquitectos, o programa do edifício parece um pouco controverso visto o risco de junção de uma biblioteca e uma creche no mesmo edifício.

Para atrair a atenção para quem passa na rua, as áreas mais públicas da biblioteca encontram-se viradas para esta. As zonas que precisam de estar mais protegidas, tais como a creche, estão viradas para um parque que também faz parte do projecto. “O terreno parece-se com um parque e encontra-se bem no meio da vila, cercado por um bairro familiar com escolas e uma casa de repouso para idosos. Era importante que o projecto se inserisse de forma subtil neste parque urbano, causando o mínimo impacto possível.”⁷

Não existem grandes complexidades na organização do edifício, visto que este teria de passar quase despercebido. “Queríamos que este edifício passasse quase despercebido, como se ele sempre estivesse estado lá. E mais do que isso, o edifício foi concebido para que se transformasse num espaço público, um lugar de encontro e convívio para a comunidade de Eksaarde.”⁸

O pátio interior é utilizado como principal ponto de ligação entre as diferentes zonas do edifício, assim como para assegurar maior quantidade de luz natural para o interior do mesmo.

As áreas de recreio das crianças estão protegidas com vidro para existir uma interacção entre elas e os pais, sem haver proximidade física.

Foi esta junção de programas completamente distintos e a forma como o edifício está organizado que ajudaram ao desenvolvimento da presente proposta. Ter a zona de creche mais resguardada da rua, estando, no entanto, aberta para o espaço

⁷<https://www.archdaily.com.br/br/931285/jardim-de-infancia-e-biblioteca-wistik-toop-architectuur-plus-steven-van-denborre-architects>, informação retirada a 11/11/2019

⁸<https://www.archdaily.com.br/br/931285/jardim-de-infancia-e-biblioteca-wistik-toop-architectuur-plus-steven-van-denborre-architects>, informação retirada a 11/11/2019

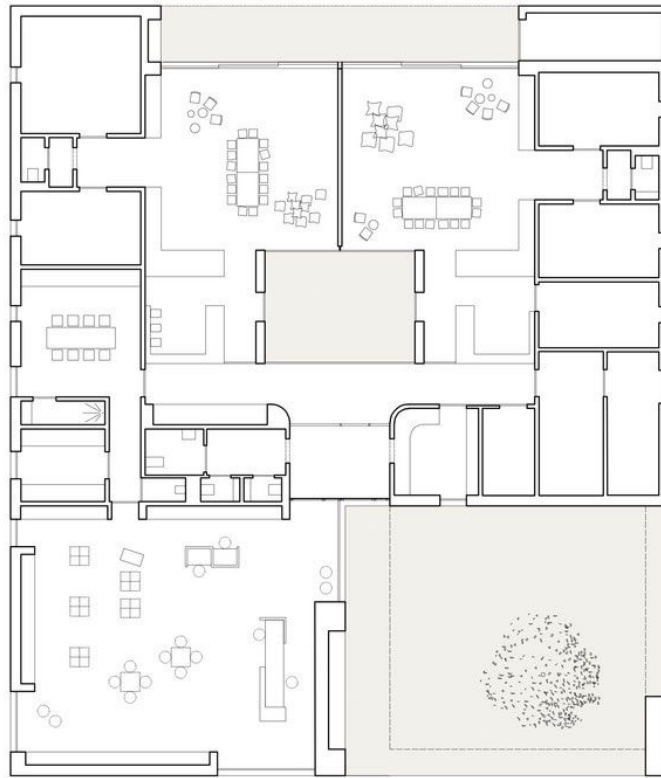


Figura 18: Planta do "WISTIK Library and Kindergarten".

público exterior. Entre cada espaço, existe um pátio para separação entre os diferentes programas, que pode ser usufruído tanto por quem circula na praça como por quem está a usufruir de alguns dos estabelecimentos.

Uma outra situação que chama a atenção para este equipamento, é o facto de, também, servir como espaço de reunião entre os habitantes, facto importante nas grandes metrópoles, mas igualmente relevante nestas pequenas comunidades. Um espaço público servido de outros equipamentos (uma creche e uma biblioteca, neste caso) que atraia os habitantes, que os convide a viver e a usufruir desse espaço. O ambiente metropolitano levado para ambientes menos urbanos.

5.4. Centro regional Galeana

Este centro foi desenvolvido pelo Atelier Uno. Apresenta uma área total de 1700 metros quadrados e está localizado em Galeana, México. Este espaço funciona como espaço comunitário para a realização de cursos e workshops, ou então simplesmente para encontros entre a comunidade. Foi desenvolvido no seguimento da Reforma Agrária em Nuevo León, que teve como consequência o aparecimento de terrenos difíceis de trabalhar. “Desde então, existe uma desconexão entre a capital do estado e as comunidades *ejilades* ao sul. Após a eleição de um governador do sul do estado, os esforços começaram a gerar infra-estrutura e equipamentos socialmente inclusivos para atender a essas comunidades.”⁹

O edifício está desenvolvido em volumes lineares. Uma interpretação por parte dos arquitectos da topografia do terreno, que lhes permitiu desenvolver uma sequência de praças e pátios, a uma escala mais humana. Para além deste motivo, a disposição dos volumes permitiu uma subdivisão da paisagem.

Este projecto apresenta uma volumetria extremamente simples, devido ao facto de os arquitectos não saberem se todos os edifícios propostos no Plano Director serão desenvolvidos. Assim, asseguram que este pode ser replicado em fases futuras, ao desenvolverem um sistema simples e de fácil compreensão, que poderá ser retomado no futuro, quando for decidido desenvolver o remanescente do projecto.

Este primeiro edifício que foi construído, apresenta funções como uma torre administrativa e uma outra zona que permite trabalhar juntamente com as mulheres da comunidade na educação dos seus filhos.

Foram desenvolvidos “(...)elementos tectónicos(...)”¹⁰ que funcionam como elementos conectores entre os volumes. Um destes elementos alberga a entrada principal deste equipamento e, segundo os arquitectos, será o espaço principal do equipamento quando este estiver concluído na sua totalidade. Estas coberturas foram desenvolvidas com um pé-direito relativamente baixo para enfatizar a presença da cordilheira que circunda este projecto.

⁹https://www.archdaily.com.br/br/931273/centro-regional-galeana-atelier-uno?ad_source=search&ad_medium=search_result_all (Informação retirada a 11/11/2019)

¹⁰https://www.archdaily.com.br/br/931273/centro-regional-galeana-atelier-uno?ad_source=search&ad_medium=search_result_all (Informação retirada a 11/11/2019)



Figura 19: Fotografia do Centro Regional de Galeana.

Um outro elemento destina-se à utilização pelas crianças. O facto de ser baixo melhora a sua climatização, não o tornando num espaço demasiado quente.

Os edifícios foram construídos em betão devido ao seu comportamento térmico, o que é bastante relevante pelo clima existente em Galeana. As aberturas foram organizadas em três tipos distintos: para iluminar, para ventilar e para enquadrar diferentes elementos da paisagem.

Este caso despertou interesse devido ao seu brutalismo, ao assumir todos os materiais utilizados na construção deste equipamento na sua forma natural. É a materialidade e não a ornamentação que dá riqueza a este projecto. Outro aspecto que despertou a atenção foi o facto dos diferentes elementos estarem ligados através de palas em aço. Esse é o elemento de ligação de todo o equipamento. Tal elemento foi replicado neste projecto, desenvolvendo uma cobertura para as principais zonas de circulação em torno da praça. Se esta não existisse, o volume a Oeste não iria estar ligado ao volume a Este, nem ao mercado propriamente dito. Acaba por se tornar o elemento mais importante para a leitura do equipamento como um único edifício.

5.5. Mercado do Carandá

Desenhado por Eduardo Souto de Moura nos anos 80, o Mercado de Braga ou do Carandá destinava-se a dar suporte ao comércio tradicional, e a pequenos produtores. Está localizado no Bairro Araújo Carandá, um dos primeiros bairros sociais da cidade de Braga, sendo um espaço comercial para a classe operária.

Contudo, o forte crescimento imobiliário em torno deste espaço, acabou por contribuir para o seu abandono, fazendo com que a Câmara Municipal recolocasse o mercado numa outra área da cidade.

O município não ficou sem ideias para esta obra. Foi decidido desenvolver um equipamento para fins culturais, aproveitando o mercado do Carandá. Souto de Moura realizou esse projecto, tendo como base “manter o testemunho da pré-existência”.

Existe uma enorme simplicidade no traçado do edifício, algo a que o seu arquitecto sempre nos habituou. Uma arquitectura minimalista, com os elementos correctos para organizar o espaço e lhe trazer um pouco de poesia. Encontra-se um pouco de Mies Van Der Rohe, assim como de Aldo Rossi na forma como Souto de Moura tentou desenvolver este mercado como ampliação da cidade.

A forma de organização das bancadas foi de grande interesse para este projecto. Funcionam como limitadores laterais do espaço central coberto por uma pala apoiada em diversos pilares, paralelos a essas mesmas bancadas.

“O mercado do Carandá organiza-se mediante a ideia de construção rectilínea que liga dois pontos da cidade tendo como limite um muro. A elaboração minimal desta abordagem deve-se em parte aos diálogos com os temas da “A Arquitectura da Cidade de Aldo Rossi”. O mercado utiliza o mínimo de recursos formais, significando no quadro de Rossi o máximo de expressão cívica, onde cada pilar é uma coluna, cada muro uma ruína e cada laje um abrigo. De forma rectangular, 70 metros orientados a Poente/Nascente e com 22 metros de largura, e um programa distribuído em sistema de pente.”¹¹

A circulação no interior do mercado era feita de forma longitudinal, reforçando a ideia de uma rua coberta, indo assim buscar a referência clássica das Stoe.

O mercado do Carandá tinha o seu interior bastante organizado. “A cota da rua ao nível do mercado dava acesso à área central de compra e venda e zona de armazéns, enquanto na cota superior em galeria o percurso acontecia não sendo necessário visitar a área afecta ao mercado.

¹¹ Tiago Galveia Raposo Vieira: O edifício de mercado na obra de Januário Godinho, Fernando Távora e Eduardo Souto de Moura, Lisboa, 2017, p.144



Figura 20: Fotografia do interior do mercado do Carandá.

Ao centro, organizavam-se as bancas dos legumes e frutas e nas laterais, o peixe e flores. No volume envidraçado, encontravam-se as zonas do talho, mercearias, padarias, lacticínios e drogarias. A zona privada e de armazéns eram dedicadas para as arrecadações dos lojistas. Sendo um edifício que se virava para o interior e para a vivência da sua rua, onde as suas características formais e espaciais se entendiam pela área mais encerrada e mais aberta de projecto, respectivamente.”¹²

Existem várias razões pelas quais este exemplo de arquitectura foi utilizado como caso de estudo para o presente projecto. Para além do facto de ser um dos mercados nacionais mais relevantes em termos de arquitectura, a sua simplicidade é fascinante. Tal foi motivador para procurar uma atitude mais minimalista na organização interior da presente proposta. A demonstração e o assumir de todos os elementos estruturais, o permitir que sejam as bancadas a organizar e a mostrar o caminho aos clientes que ali passam. O facto de estar situado num bairro operário, tendo em conta que a presente proposta se situa numa comunidade fortemente marcada pela actividade piscatória, o que permitirá um apoio e impulso maior da economia local, como referido anteriormente, é um outro ponto que têm em comum.

O último ponto a salientar, é a sua versatilidade. Souto de Moura, baseou a sua mais recente intervenção no mercado na premissa de manutenção do pré-existente. No entanto, a função do Mercado de Carandá mudou completamente, sendo hoje um equipamento cultural. Os elementos estruturais mais relevantes para a compreensão espacial do projecto inicial ainda estão presentes, quase como herança. Esta foi uma ideia explorada e salvaguardada para, futuramente, a forma geral de toda esta intervenção se manter, funcionando como uma pré-existência. Assim, se no futuro for pretendida a alteração da utilização do presente projecto, todas as paredes interiores em geral poderão ser demolidas para dar oportunidade a novas utilidades que possam vir a ser necessárias. E assim tornar-se-á possível salvaguardar o património arquitectónico.

¹² Tiago Galveia Raposo Vieira: O edifício de mercado na obra de Januário Godinho, Fernando Távora e Eduardo Souto de Moura, Lisboa, 2017, p.148



Figura 21: Fotografia exterior do pavilhão nórdico da Bienal de Veneza

Capítulo VI- Referências

6.1. Pavilhão Nórdico

Construído em 1962, este pavilhão constitui uma interpretação da arquitectura nórdica por parte do arquitecto Sverre Fehn, em resposta a um clima totalmente diferente, o clima veneziano.

Trata-se de um edifício desenvolvido para a Bienal de Veneza, projectado para que a luz natural tenha uma outra “dimensão” na arquitectura. Apesar de ter uma influência nórdica fortemente marcada, Sverre Fehn fez todos os possíveis para eliminar essa mesma influência, eliminando duas das paredes exteriores e abrindo, assim, o espaço para o exterior. Apesar da arquitectura nórdica ter sempre uma forte ligação com a natureza, nunca existiu uma grande mistura entre os dois elementos. O arquitecto levou essa integração da natureza com o edifício a um outro nível, implantando árvores no interior do pavilhão, interferindo directamente com a estrutura da cobertura, bem como entrelaçando a estrutura com uma árvore pré-existente. Com esta atitude, pode afirmar-se que o contacto entre o natural e o artificial é muito mais evidente e harmonioso.

Os métodos formais deste exemplo de arquitectura como caso de estudo foram fundamentais. O facto de a estrutura ter, realmente, uma presença imprescindível para a leitura do projecto. A leitura que as vigas esbeltas nos permitem ter do espaço. A forma como ligam todo o espaço, eliminando todas as barreiras que poderiam existir entre o interior e exterior, utilizando ainda o betão para representar algo que, outrora, fora em madeira.

No presente projecto, o betão não será utilizado, mas sim o aço, assumindo uma estrutura metálica para suportar toda a cobertura da zona de circulação exterior e para ligar todos os espaços exteriores.

Este pavilhão transmite a ideia que um edifício pode ganhar muito mais riqueza do ponto de vista projectual, através da exposição da estrutura utilizada. É precisamente esse ponto que influencia esta visão no que toca ao desenvolvimento do presente projecto. Essa intenção está mais enfatizada na cobertura que protege toda a zona de circulação, através das “lâminas” em aço *corten* que a estão a suportar, seguindo um pouco da lógica de Sverre Fehn com as lâminas em betão, utilizadas no Pavilhão Nórdico.



Figura 22: Fotografia exterior da "Robie House", uma das "Casas da Pradaria".

6.2. Frank Lloyd Wright

O icónico Frank Lloyd Wright (FLW) foi outro caso de estudo no que toca a métodos formais. Obras como as “Casas da Pradaria” serviram de inspiração para o desenvolvimento desta intervenção. Estas obras são casas urbanas situadas nos subúrbios de diversas cidades nos estados de Wisconsin e Illinois, EUA. Foram desenvolvidas para famílias abastadas e implantadas em áreas verdes. Apresentam uma articulação bastante volumétrica. FLW projectou, ao longo da primeira década do séc. XX, cerca de 10 habitações que respeitam os ideais deste estilo.

Este arquitecto teve como influências Sullivan, o seu “Leiber Meister”, o movimento Arts & Crafts, a arquitectura tradicional japonesa e ainda o seu fascínio pelos blocos Fröebel. “(...) um brinquedo dos tempos de criança, que vão inspirar a articulação volumétrica de muitos dos seus edifícios, sobretudo as Prairie Houses.”¹³

Quanto mais horizontal for um edifício, menos densa se torna a construção em si. FLW foi um dos primeiros arquitectos a trabalhar essa área. Por maiores que fossem as obras deste arquitecto, conseguia, através do desenho dos vãos, das cornijas, as coberturas planas, entre outros elementos que possam ser acrescentados na fachada, traduzir uma enorme horizontalidade. Como tal, foi utilizada a sua arquitectura como inspiração para o desenvolvimento das fachadas do equipamento proposto. Um ritmo certo entre todos os vãos existentes, virados para o exterior, e uma linha horizontal (cobertura da zona de circulação) permitirão uma leitura mais coerente de todo o edifício, mantendo a horizontalidade de toda a construção.

A ideia de horizontalidade nunca desapareceu durante o percurso de FLW, apesar de ter explorado outras formas como é o caso do Museu de Guggenheim em Nova Iorque. Apesar de tudo, tentou sempre estabelecer uma ligação entre a arquitectura e o solo, levando este ideal a um dos seus expoentes máximos, como a Casa da Cascata.

¹³ <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2012/04/15/prairie-houses/>, informação acedida a 8/07/2020



Figura 23: Fotografia do interior do mercado de Águeda.

6.3. Brutalismo

Este estilo arquitectónico revelou-se sempre extremamente apelativo, sendo do conhecimento geral que o Brutalismo não pretende esconder a veracidade dos materiais. “Os revestimentos são considerados como dissimuladores. A arquitectura brutalista demonstra os materiais utilizados, e a técnica que permite a sua execução. Procura deixar bem claro o que é vedação ou estrutura. Não existe um critério selectivo do que deva ou não estar à vista. Tudo é aparente.”¹⁴

Este foi um movimento que criou controvérsias entre diversos arquitectos, visto que uns defendiam que o Brutalismo foi um estilo baseado em diversas considerações éticas e, para outros, tratava-se de algo profundamente estético. “Segundo Bruno Zevi, foi uma ética para os que pretendiam restaurar a integridade originária e agressiva do movimento moderno, e uma estética para quem buscasse um enriquecimento de superfícies e volumes.”¹⁵

Arquitectos como o Casal Smithson e até mesmo Le Corbusier foram defensores deste tipo de linguagem.

No presente projecto, como já anteriormente referido, existe uma vertente brutalista, expressa pelo facto de deixar os elementos estruturais ganharem uma outra importância no aspecto geral do projecto e pela presença de um lado mais limpo e puro da arquitectura sem grandes ornamentações. Os elementos naturais, tais como a água e a luz, criam os diferentes contrastes nas zonas de percurso. Foi ainda primordial trabalhar a textura dos materiais utilizados, principalmente do betão.

Existem outros exemplos em Portugal que respeitam este estilo, como por exemplo o mercado municipal de Águeda. Neste caso, os elementos estruturais destacam-se perfeitamente dos blocos de tijolo, mais concretamente, tijolo de face à vista. Não existe uma preocupação em “ocultar” os materiais que realmente sustentam este edifício, sendo assim bastante simples perceber os métodos construtivos.

¹⁴ Maria Luiza Adams Sanvitto: BRUTALISMO PAULISTA: UMA ESTÉTICA JUSTIFICADA POR UMA ÉTICA?, 2013, p.2

¹⁵ Maria Luiza Adams Sanvitto: BRUTALISMO PAULISTA: UMA ESTÉTICA JUSTIFICADA POR UMA ÉTICA?, 2013, p.2



Figura 24: Fotografia do Bloco D do Bairro de Gallarate.

6.4. Aldo Rossi e o Bloco D de Gallaratese

Aldo Rossi e a sua grande contribuição para a história da arquitectura é sobejamente conhecido e constitui uma enorme referência, nomeadamente o seu pluralismo existente em quase todas as suas obras. O Bairro de Gallaratese apresentou uma grande presença na forma como foram apresentadas as propostas desenvolvidas ao longo do meu percurso académico. A sua uniformidade, a exposição dos elementos estruturais para marcar ritmos de fachada, a repetição do mesmo vão que marca vivamente a fachada deste bloco habitacional. Não existe ornamentação como elemento de distração.

Um edifício e uma arquitectura que se consegue distinguir pela sua pureza. Pureza essa que foi preconizada por Adolf Loos que defendia que a verdadeira ornamentação de um edifício é a riqueza que os próprios materiais lhes fornece, ou ainda por Mies Van der Rohe, que defendia que menos é mais e assumia sempre os elementos estruturais, utilizando o mínimo de elementos arquitectónicos para definir o espaço arquitectónico. A poesia que uma obra deve ter está sempre presente nos projectos destes arquitectos.

Apesar de todas estas referências apreendidas ao longo deste percurso académico, Gallaratese é a que mais importa para o desenvolvimento deste meu projecto. O ritmo das fachadas, a falta de ornamentação, a presença dos elementos estruturais. Fazê-lo simples, plano, com os elementos mais relevantes devidamente marcados para trazer um ritmo contido e coerente, sem grandes floreios. Aldo Rossi sempre defendeu que tudo deve ser desenhado, respeitando exactamente aquilo que é. Uma porta deve ser desenhada para cumprir essa função, assim como a janela e até mesmo a estrutura de um edifício. Tudo desenhado para coincidir com a forma geométrica que mais se assemelha com cada elemento utilizado no projecto.



Figura 25: Fotografia da área onde será implantado o CCC.



Figura 26: Planta de cobertura do CCC.

Capítulo VII- Projecto Centro Cívico/Comercial

7.1. Considerações prévias

A intenção inicial do desenvolvimento deste projecto com a localização em Esmoriz, na cidade adjacente a Cortegaça, local onde se encontra actualmente o equipamento, apesar de improvisado pelos habitantes locais, para prestar o apoio à prática pecuária. Contudo, e depois de analisado o POOC e a zona de Risco de Erosão Costeira, foi verificado que não seria possível a implantação do projecto, visto que não existia um terreno com dimensões adequadas para o seu desenvolvimento. Assim sendo, foi decidido localizar esta intervenção em Cortegaça, perto do Bairro Do SAAL da Praia de Cortegaça.

O programa inicial visava maioritariamente a elaboração de um equipamento de apoio à pesca, onde a comunidade pudesse vender e tratar toda a mercadoria e ainda espaços de reparação de todo o material de pesca. Após o diálogo com a população, verificou-se a necessidade de outros espaços com diferentes utilidades para servir os residentes.

Um dos maiores objectivos, na escolha deste programa, foi a tentativa de atrair novamente a população para um local cada vez mais abandonado, devido à falta de serviços à disposição dos moradores, tentando assim revitalizar a freguesia, criando pontos de interesse para atrair o turismo regional e nacional. A existência de um mercado, um espaço público com algum relevo arquitectónico, permite desenvolver uma maior afluência na localidade, melhorando a sua actividade económica e utilizando a cultura local como “âncora”.

Como forma de concepção da ideia, foram estudados diversos casos de alguns edifícios com programas relevantes para a presente pesquisa, com o intuito de reunir a população, como é o caso do WISTIK Library and Kindergarten e o Centro Regional Galeana. Foi analisada ainda a organização espacial da Lota do Portinho de Castelo de Neiva, do Fisterra Market e do Mercado do Carandá. De forma a sustentar a linguagem arquitectónica do equipamento, foram utilizadas as Casas da Pradaria de Frank Lloyd Wright, La Gallaratese de Aldo Rossi, o Brutalismo e o Pavilhão Nórdico de Sverre Fehn como referências formais. Estes exemplos ajudaram no trabalho dos espaços interiores, ritmos de fachadas, estrutura e a exposição dos materiais.

O desenvolvimento do projecto foi todo realizado em apenas uma cota, respeitando a leitura da topografia, assim como da sua envolvente, que apresenta muito pouca densidade

em termos construtivos. No entanto, foi tirado partido de uma parte da área de intervenção, onde o terreno afunda um pouco mais, para desenvolver a oficina de apoio aos equipamentos de pesca.

A distribuição do programa teve em consideração o mercado como espaço principal de todo o projecto, e ainda a proposta de uma praça de carácter público.

7.2. Programa

No desenvolvimento do programa e compreensão das suas lacunas, foi estabelecido o diálogo com alguns dos populares que ali fui encontrando, durante as visitas ao terreno. Tendo em máxima consideração o que a população referiu, foi elaborado um programa que correspondesse às maiores necessidades desta comunidade. Foi referida a necessidade de uma creche, de um sítio protegido para tratar os materiais de pesca e mercadoria e, ainda, uma zona de armazenamento e venda.

Considerando estes elementos, foi considerada a necessidade de um equipamento que servisse a comunidade, e preenchesse as lacunas existentes na freguesia de Cortegaça, em Ovar. Foi fundamental a compreensão das falhas e necessidades para um melhor funcionamento, evitando assim as deslocações às localidades adjacentes para dar resposta às suas necessidades diárias. Para além de prestar serviços, seria necessário existir um espaço público próximo das habitações, uma zona onde os mais novos pudessem estar a jogar à bola ou até mesmo onde os mais velhos pudessem desfrutar de uma sombra, apresentando um espaço com carácter diferente daqueles que existem mais próximos do oceano, mais resguardado e seguro.

Este programa foi sofrendo algumas alterações, assim como a sua disposição. Um dos espaços cuja utilização esteve mais em dúvida foi a sala polivalente. Antes de ter chegado a esta conclusão, foi ponderada uma biblioteca, assim como uma sala de exposição/reuniões. Assumindo como uma sala polivalente, servirá para diversas situações, não ficando presa apenas a uma única utilização.

Tendo o programa estipulado, passou-se para a fase seguinte, como organizá-lo neste terreno?

A resposta foi relativamente instintiva. O terreno apresenta de uma forma bem delineada, os seus limites. Uma outra condicionante limitadora da organização espacial, foi

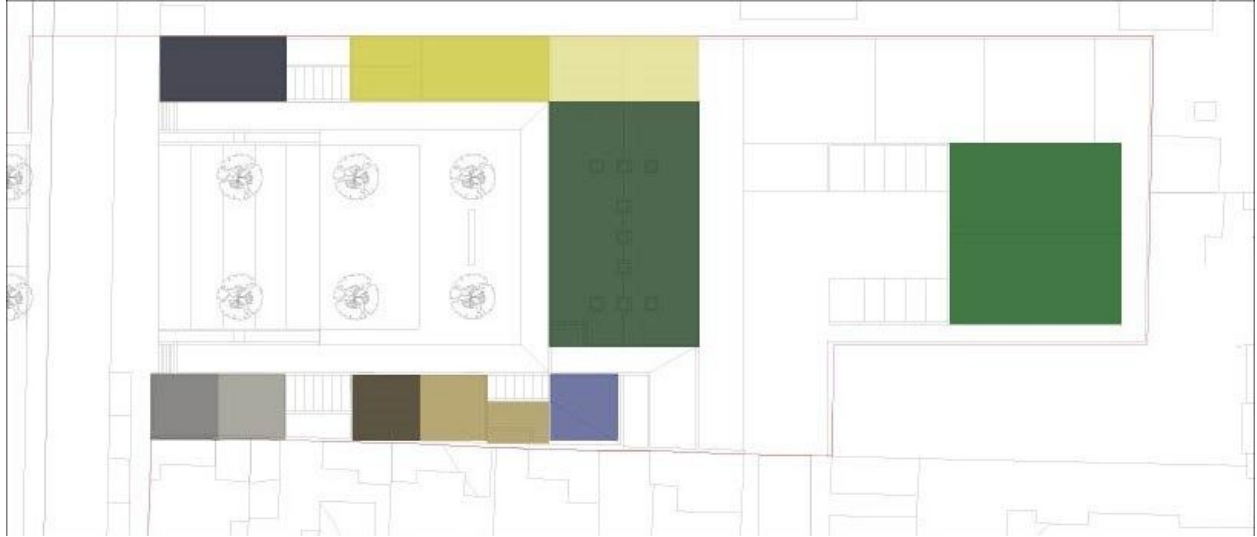


Figura 26: Planta do CCC com a disposição do programa que o compõe.

o facto de existirem apenas empenas viradas para o interior da área de intervenção. Com isto, o programa principal fica organizado em forma de "U", ocultando todas os alçados cegos das construções vizinhas. Para além de solucionar estes problemas, traz outras vantagens já referidas anteriormente no capítulo V.

Foram respeitados os alinhamentos dos acessos já existentes, o que me permitiu separar a oficina do resto do equipamento, criando uma distinção entre o espaço de carácter público daquele que será apenas para os profissionais da área.

Com tudo isto em mente, é apresentado seguidamente o programa constituinte deste projecto:

Mercado (verde escuro) - Como referido anteriormente, existe uma ausência de infra-estruturas de apoio aos pescadores em toda esta zona costeira no concelho de Ovar. Tendo isto em mente, é proposta uma zona de venda e tratamento de todo o peixe e outros produtos que possam ser utilizados pelos trabalhadores daquela área. Este edifício está desenvolvido no sentido transversal do terreno, delimitando assim o espaço público, assumindo um carácter de maior relevância perante o restante equipamento. Ao estar colocado desta forma, beneficia dos dois acessos principais do terreno, separando ainda as duas zonas: a destinada ao público e a destinada aos profissionais.

Para apoiar o mercado, foi desenvolvida uma área de armazenamento com zona de cargas e descargas, áreas de conservação para produtos frescos, câmara de gelo, área de leilão de mercadorias de maior densidade e balneários para os trabalhadores do mercado/armazém (amarelo claro). No mesmo volume, porém separado do mercado propriamente dito, encontram-se as instalações sanitárias públicas que servirão todo o equipamento, exceptuando aqueles espaços que apresentam as suas próprias instalações. Os lavabos públicos (azul claro) estão separados do mercado por um outro acesso desenvolvido para acesso à praça sem ter de se atravessar o mercado.

Oficina (verde claro) - Uma das situações mais caricatas nesta zona, é a inexistência de instalações de apoio aos pescadores. As que existem, são improvisadas pelos próprios, através de contentores, de arcas frigoríficas que pertenceram a camiões, e alguns barracos de madeira que foram outrora as habitações da comunidade local. Estes espaços serão demolidos devido ao POOC, uma vez que se encontram numa zona de Risco à Erosão Costeira e são construções clandestinas.

O que motivou o desenvolvimento deste espaço foi a observação dos pescadores a estenderem as redes ao longo do passeio, o único espaço livre e limpo, visto que os grandes descampados existentes se encontram sem qualquer tipo de tratamento.

Numa das primeiras visitas realizadas ao terreno, foi observado um pescador a tratar de uma rede de pesca presa a postes existentes, sujeito à chuva e frio.

O objectivo é a apresentação de uma solução para estes trabalhadores, um local seguro e que providencie todas as condições para os ajudar a rentabilizar melhor a sua actividade. Com isto em mente, foi proposto na zona destinada aos profissionais, um edifício de dois pisos. No piso inferior, tem espaço suficiente para estarem armazenados dois barcos que necessitem de reparações, destinados à arte xávega, prática tradicional de pesca desta zona. Esta área está ainda servida de instalações sanitárias e uma área de armazenamento para componentes mais pequenos. O piso superior funciona como terraço coberto que poderá ser utilizado como segundo espaço de trabalho. Com estas duas áreas, poderão ser realizadas todo o tipo de reparações de maquinarias como tractores, barcos, entre outros, assim como equipamentos de apoio à sua actividade como redes de pesca de uma forma mais segura e eficiente.

Serviços - Cortegaça é uma zona cada vez mais vazia, com excepção dos meses de Verão. Uma das razões pelas quais este processo de "desertificação social" acontece passa pela ausência de infra-estruturas necessárias à vivência diária.

Há alguns anos, existia uma creche que foi encerrada por estar demasiado próxima do mar. Contudo, não foi desenvolvida nenhuma solução que levasse à substituição dessa mesma creche, para que os pais continuassem a sentir esse apoio. Para além deste serviço, espaços como mercearias, talhos, cafés, entre outros, fecharam e como não se verificou a sua substituição estes começaram a ser cada vez mais escassos ou até nulos.

Após esta análise, foi decidido avançar com a proposta de uma pequena mercearia (cinzento claro), de uma creche (amarelo escuro) e de um café (castanho escuro).

Tendo em conta todos os riscos que esta zona costeira acarreta, como a prática de desportos náuticos e o próprio usufruto da praia, foi sentida a necessidade da presença de um posto de enfermagem (castanho claro) e, neste seguimento, de uma farmácia (cinzento escuro). Como tal, foi decidido adicionar estes dois serviços ao programa que constitui este equipamento.

Sala Polivalente (azul escuro) - Estiveram diversos programas em “cima da mesa” para este espaço. Desde uma biblioteca, até uma sala de exposições. Contudo, uma única utilização deste espaço poderia não atrair suficientemente a comunidade para usufruir deste espaço. Como já referido anteriormente, uma sala polivalente assume um carácter de versatilidade que se pode revelar bastante útil. Pode ser utilizada para festas entre grupos de amigos, para reuniões por parte das associações existentes, conferências, ou mesmo para pequenas exposições e exibições de cinema.

Espaço Público - A freguesia de Cortegaça apresenta como espaço público a Avenida da Sra. da Nazaré, apesar de esta transmitir segurança apesar das dimensões generosas do espaço central. Esta área é prolongada até à orla marítima onde foi intenção do plano urbano torná-la meramente pedestre, para que os restaurantes aproveitassem para montar as suas esplanadas.

Tendo em conta o equipamento proposto, foi decidido desenvolver um espaço público delimitado pelos volumes longitudinais e pelo volume do mercado, resultando do prolongamento de uma outra praça localizada do outro lado da Rua do Monte Branco, proposta explicada mais à frente neste trabalho.

De forma a cortar o ritmo imposto pelos vãos das fachadas dos volumes longitudinais, foi prolongado o espaço público em algumas zonas, onde estão situados espelhos de água. Essas áreas poderão funcionar como esplanada para o café, ou como zona exterior à sala polivalente.

A praça possui algumas árvores de porte médio, proporcionando alguns momentos de sombra. O tipo de árvore será o Souto, uma vez que se trata de um dos três tipos de árvore que poderão ter dado o nome à freguesia, sendo a que apresenta as melhores características para o projecto.

Esta praça servirá ainda como espaço de transição de duas cotas distintas entre a Rua Padre José Maria Francisco Fonseca e a Rua do Monte Branco.



Figura 27: Imagem exterior do CCC.

7.3. Forma

O terreno escolhido para o desenvolvimento do presente projecto está rodeado de empenas a Oeste e Sul, existindo também um muro a Este. Como solução, e depois de estudado o PDM, foi decidido o desenvolvimento do equipamento em três volumes distintos, sendo que dois deles, foram desenvolvidos para “ocultar” as empenas circundantes. Esta solução permitiu, ainda, ter um grande espaço livre entre os volumes, criando assim uma área aberta para usufruto da comunidade.

Tendo em consideração que foi na zona Sul do terreno que foi decidido desenvolver a área de oficina, é proposto um outro volume, perpendicular aos outros dois, como separação entre estes dois espaços. Neste, fica localizado o mercado e a loja, podendo servir os dois lados. Com esta intenção, são separadas as zonas de acesso a profissionais, da área que está mais destinada ao público. Assim, o equipamento fica com um funcionamento mais fluído.

Dispondo o Centro Cívico-Comercial desta forma, foi permitido criar um espaço de estar para a comunidade.

Nem todos os volumes têm a mesma altura, com o intuito de destacar o mercado, uma vez que se trata do espaço de maior relevo de todo o projecto.

7.4. Materiais e texturas

A zona de Ovar é bastante conhecida pelos seus “Palheiros” e pelos passadiços situados à beira-mar. Estas estruturas arquitectónicas são constituídas por ripas de madeira. No entanto, a intenção não foi a de utilizar os materiais presentes nessas construções, mas sim a utilização de algumas cores e texturas que pudessem ser associados à madeira anteriormente utilizada. Para conseguir ir buscar as cores quentes deste material, que está presente na arquitectura vernacular, foi proposto o uso do aço *corten*, pois não necessita de manutenção devido ao facto de oxidar naturalmente, procurando assumir o resultado final da “evolução” dos materiais que acontece ao longo dos tempos. Este material está presente em toda a cobertura que protege a zona de circulação exterior, assim como nas caixilharias.



Figura 28: Imagem exterior do CCC.

As paredes que separam as escadas exteriores das rampas também são igualmente revestidas com este material, subindo pelo pórtico que remata a cobertura, criando um efeito de continuidade entre estes elementos.

Para representar os passadiços e os "Palheiros", foi desenvolvido um padrão de betão armado com cofragem de ripas de madeira, no chão, criando uma textura diferente. Inicialmente, esta estereotomia deveria prolongar-se para as paredes exteriores do equipamento, porém, esta intenção foi abandonada depois de terem sido feitos alguns testes. Assim, as paredes ficam com um aspecto depurado, dando ênfase ao ritmo que os vãos proporcionam. Como conclusão, foram utilizadas placas de contraplacado marinho que vão variando de dimensões conforme o tipo de vãos ou até mesmo a dimensão das paredes, com o intuito de alinhar cuidadosamente as juntas entre placas.

Este projecto apresenta um estilo brutalista, visto que os elementos estruturais são assumidos, tal como o próprio estilo defende. No entanto, e tendo em consideração que a estrutura o permitirá no futuro, é intenção distinguir aquilo que será permanente no edifício, daquilo que terá um carácter mais efémero. Com isto em mente, para as paredes interiores, serão utilizados tijolos de 7 centímetros, que serão rebocados e estanhados. Assim, se os espaços forem adquiridos por uma outra entidade e for pretendida uma utilização diferente da proposta, as paredes que poderão ser demolidas serão conhecidas.

O chão terá a mesma textura em todo o interior do equipamento, dando uma ideia de continuidade e coerência. O material será betão afagado, devido à sua robustez e resistência, exceptuando as zonas de circulação exteriores que serão em betão com cofragem realizada com ripas de madeira, como anteriormente referido.



Figura 29: Imagem do interior do mercado.

7.5. Estrutura

Não foi difícil definir uma estrutura para este equipamento, tendo em conta que já tinha sido escolhido o betão como material principal para a execução das paredes exteriores. De forma a facilitar a execução da estrutura as paredes passaram a ser todas portantes. Como os vãos entre paredes nos volumes localizados a Este e a Oeste não são extensos, foi desenvolvida uma estrutura com lajes maciças.

Relativamente ao volume onde estão localizados o mercado e a lota, a complexidade da estrutura é superior. Como proposta para resolver vãos tão largos, foi decidido juntamente com o Professor Franklim Morais, uma laje de nervuras cruzadas, que se apoia em todas as paredes exteriores, nas duas paredes interiores existentes no mercado e, ainda, na parede que separa a lota do mercado.

Para a zona da oficina, o esquema foi o mesmo. Dada a intenção de deixar o espaço o mais amplo possível, para facilitar manobras, assim como aumentar a capacidade de ocupação, foi desenvolvida uma outra laje de nervuras cruzadas, porém, mais espaçadas. Enquanto, que no mercado, foram usados "caixotes" de 90 cm por 90 cm, na oficina, as vigas estão afastadas umas das outras em cerca de 4 metros e apresentam uma altura de cerca de 60 cm, com intuito de suportar a estrutura de aço que está exposta no piso superior para proteger o terraço. O seu esquema é igual ao apresentado na oficina, sendo que o material é diferente para ser mais leve e diferente do resto do equipamento.

No que toca à cobertura que protege toda a zona de circulação exterior do equipamento, foi utilizada uma estrutura de aço corten. Para manter a coerência com o interior do mercado, foi desenvolvida um esquema de nervuras cruzadas. As vigas apresentam 30 cm de altura e 5 cm de espessura. Esta foi uma das razões que me levou a escolher o aço para desenvolver esta cobertura, a possibilidade de desenvolver peças tão delgadas e tão delicadas à vista, para suportar vãos tão grandes. Um contraste vincado se formos a comparar com a estrutura desenvolvida em betão.

Estas vigas de aço *corten* não são maciças. Apresentam tubulares interiores que, posteriormente, são revestidos com chapas de 2 mm, tal e qual como a chapa que serve de cobertura.

Tal como foi realizado resto do projecto, onde foram assumidos os materiais estruturais, foi decidido respeitar a mesma ideologia no que toca às estruturas das lajes, enfatizando a ideia de Brutalismo.



Figura 30: Fotografia do terreno onde estará localizada a praça do Monte Branco.

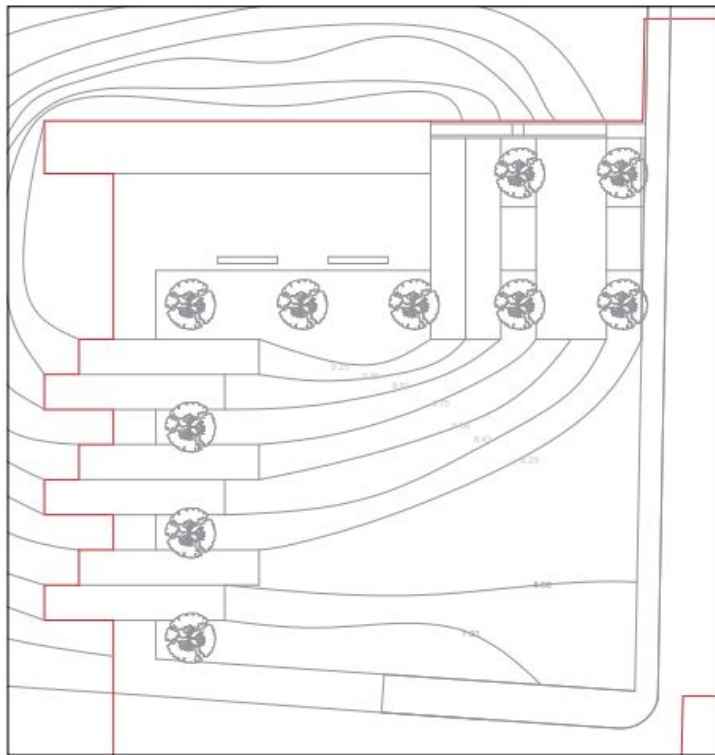


Figura 31: Planta da praça do Monte Branco.

Capítulo VIII - Praça do Monte Branco

No desenrolar do trabalho foi compreendido que toda a intervenção, incluindo a realizada no Bairro do SAAL, ficaria a ganhar se o terreno situado do outro lado da rua do Monte Branco fosse tratado. Com esta atitude projectual, é reforçado o sentido de unidade. Toda a comunidade de Cortegaça poderá beneficiar com esta intervenção, visto que permitirá um aumento de eventos culturais, assim como zonas de feiras e de apoio às festas da freguesia.

Como já anteriormente referido, não foi permitido construir no terreno que se encontra em frente ao Bairro do SAAL, o tornou toda a intervenção um pouco mais dispersa. A única solução seria tratar o terreno compreendido entre a rua do Monte Branco e a rua Frederico Ulrich. Esta área encontra-se completamente baldia e com duas balizas resultantes da apropriação do mesmo por parte dos moradores com suas habitações naquela zona. Esta atitude por parte da comunidade torna mais relevante o desenvolvimento de espaços públicos seguros e com o devido desenho para um usufruto mais prazeroso e seguro.

O nome para esta praça foi intuitivo; a Praça do Monte Branco, tendo em conta que é um espaço proposto num ponto alto, tratando-se de uma duna. Ainda para mais, existe uma rua já com este nome, o que acaba por reforçar esta escolha.

Como atitude projectual, foi decidido ter como base os limites impostos pelo terreno do CCC e do Bairro do SAAL, delimitando a zona de implantação deste espaço público.

Para respeitar o máximo possível as intenções do POOC no que toca a reintrodução das dunas como elemento de protecção da orla costeira, foi procurada uma solução que respeitasse e promove a utilização desta área.

Para estabelecer uma ligação entre todos os espaços públicos propostos, foi dado o mesmo tratamento em todos. Como tal, foi prolongado o desenho do acesso à Praça do Monte Branco, para o espaço central do equipamento, atravessando a rua do Monte Branco, respeitando a forma do terreno. Este acesso respeita uma forma mais linear, seguindo de forma mais rigorosa os limites criados pelo desenho do CCC, mantendo uma coerência projectual e que facilita a leitura do projecto como um todo.

O acesso na zona com contacto com o Bairro do SAAL, apresenta uma forma um pouco mais orgânica. Os degraus são encostados directamente no terreno,

de uma forma mais desalinhada para reforçar a ideia de mistura entre a natureza e o que é construído. Outra razão pela qual foi decidido expor os degraus desta forma, foi a disposição do próprio bairro, que apresenta uma implantação menos rigorosa. Entre estes dois acessos descritos, o terreno é apresentado na sua forma natural, sem grande intervenção. Algumas árvores serão plantadas para criar momentos de sombra.

No topo dessa zona, é proposto uma praça onde a comunidade se pode juntar e apreciar de um ponto mais alto, o CCC, assim como o Bairro do SAAL. Como remate para a floresta que se situa a Este desta praça, foi desenvolvida uma cobertura apoiada numa parede com diversos vãos, para enquadrar a floresta e ajudar a compreender o existente para além desta intervenção.

Não é intenção ocultar a veracidade daquele terreno, dado, nesta altura, as dunas terem voltado a ser consideradas elementos fulcrais de protecção da costa. Passa simplesmente por um "tratamento" do solo e como rótula de ligação entre as duas operações propostas neste trabalho, permitindo uma melhor leitura do conjunto como um todo e não como duas intervenções distintas, assegurando a coerência da proposta.

Considerações finais

O desenvolvimento de um projecto de arquitectura constitui um processo de aprendizagem para o seu autor. Para se conseguir uma boa intervenção, tem que ser criada uma boa base de conhecimento, abrangendo os diferentes temas que nos propomos desenvolver. Durante o processo de estudo do Centro Cívico/Comercial, pesquisei sobre a história dos espaços comerciais e das praças, bem como das vantagens da tipologia em “U” utilizada no CCC, assegurando assim uma base sólida de conhecimento que informasse o projecto. Clarifiquei a relevância que as referências formais podem ter na nossa forma de pensar e de projectar. Aprimorei ainda o meu entendimento sobre a arquitectura mundial, no que se refere a centros cívicos, mercados e lotas, o que me fez abrir os meus horizontes.

Um outro lado que foi particularmente interessante foi o facto de tratar este projecto como algo que poderia efectivamente vir a ser construído. Como tal, foi desafiante projectar algo que idealizei, segundo as regras impostas pelo PDM, POOC e outros regulamentos relativamente às Zonas de Risco de Erosão Costeira e das Zonas de Dunas.

Consegui desenvolver outras sensibilidades como intervir em pré-existências, no que se refere ao Bairro do SAAL. Propor a reabilitação de uma obra que tem valor histórico, que se encontra num estado bastante avançado de degradação, e tentar fazer com que se destacasse da envolvente foram os objectivos. Para além dessas questões, desenvolver os espaços interiores das habitações, tirando partido do conceito de habitação evolutiva, mantendo praticamente intacta a pré-existência foi o maior desafio desta parte do projecto.

Melhorar diversas questões técnicas, aprimorar conhecimentos nas diferentes escalas de projecto, aprender outros métodos construtivos. Experimentar, errar e crescer com isso. Aprender com a comunidade, discutir e analisar com eles qual o melhor programa para o edifício do CCC, com a intenção de propor os espaços adequados para as necessidades locais foi a resposta aos problemas levantados pelos próprios habitantes.

Cada um de nós tem uma ideia diferente do que é a arquitectura, eu ainda estou um pouco longe de ter uma resposta definitiva. Todas estas perspectivas diferentes fazem com que cada um de nós tenha uma resposta diferente para o mesmo problema.

Para mim foi, sem dúvida, um projecto bastante intenso e enriquecedor, pois consegui compreender e defender o que é para mim a arquitectura, através da abordagem de diversas áreas de arquitectura, tais como urbanismo, a reabilitação e projecto de raiz.

Acredito que o que fazemos enquanto arquitectos deve ser um contributo para o bem estar da sociedade. Um projecto bem desenhado e executado traz-nos melhor qualidade de vida e um bem-estar inexplicáveis.

Com este projecto, a cultura local conseguirá sobreviver pois são criadas todas as condições para um bom apoio à prática da pesca, assim como à população de Cortegaça.

Bibliografia

Documentos Diversos:

- POOC- Marinha Grande/Ovar;
- Mapa de Condicionantes;
- Planta Síntese;
- POC - Relatório Outubro de 2015
- Regulamento PDM de Ovar

Livros e Revistas:

- Alguns Aspectos do Problema Habitacional- Editorial Inova/Porto - António Lobão Vital - Agosto 1974
- L'Architecture D'Aujourd'hui: Portugal 1976/2006, 30 anos do SAAL- Nº 185 Maio/Junho 1976 - 2006 - AAVV - Editor: Ordem dos Arquitectos - 2006
- Livro branco sobre a política da habitação social em Portugal - ENH D.L. - Comissão de Peritos ; colab. Francisca Azevedo; coord. António Fonseca Ferreira - 1993
- 74-14 SAAL and Architecture - Editor: Departamento de Arquitectura da FCTUC (e|d|arq), o Centro de Estudos Sociais e a Fundação de Serralves - José António Bandeirinha, Delfim Sardo, Gonçalo Canto Moniz - 2016
- Thomas Jefferson e o Projeto da Universidade da Virgínia. Uma Investigação sobre a tipologia do plano do campus- Editor: CESAP - Sérgio Mendes - Julho de 2017

Trabalhos Académicos:

- BRUTALISMO PAULISTA: UMA ESTÉTICA JUSTIFICADA POR UMA ÉTICA? Maria Luiza Adams
- file:///C:/Users/Francisco/Downloads/mia_tiago_vieira_dissertacao.pdf (Informação consultada a 20/07/2020)

Sites consultados através da World Wide Web:

- https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CON_03.pdf (Informação consultada a 11/11/2019)

-https://www.archdaily.com/197914/fisterra-fishmarket-creusecarrasco-arquitectos?ad_source=search&ad_medium=search_result_all (Informação consultada a 11/11/2019)

-https://www.archdaily.com/917032/la-lonja-building-jose-alvarez-checa?ad_source=search&ad_medium=search_result_all (Informação consultada a 08/11/2019)

-<https://www.archdaily.com.br/br/931285/jardim-de-infancia-e-biblioteca-wistik-toop-architectuur-plus-steven-vandenborre-architects> (Informação consultada a 11/11/2019)

-https://www.archdaily.com.br/br/931273/centro-regional-galeana-atelier-uno?ad_source=search&ad_medium=search_result_all (Informação consultada a 11/11/2019)

-<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2012/04/15/prairie-houses/> (Informação consultada a 08/07/2020)

- <http://www.architecture.org/learn/resources/architecture-dictionary/entry/prairie-style/> (Informação retirada a 08/07/2020)

-<https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/19559/12430> (Informação consultada a 13/07/2020)

-<https://www.blogdaarquitectura.com/como-surgiram-as-pracas-e-duas-diferentes-funcoes-sociais-ao-longo-da-historia/> (Informação consultada a 13/07/2020)

-https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/7366/1/PROM06_pp325-350.pdf (Informação consultada a 13/07/2020)

-<https://www.publico.pt/2013/02/04/p3/noticia/intervencao-de-souto-de-moura-em-antigo-mercado-de-braga-ganha-premio-de-reabilitacao-1816454> (Informação consultada a 20/07/2020)

-<https://www.archdaily.com.br/br/868383/classicos-da-arquitetura-bairro-gallaratese-aldo-rossi-e-carlo-aymonino> (informação consultada a 20/07/2020)

Índice de imagens:

- Figura 1:** Fotografia aérea de Cortegaça e arredores.....6
Fonte:<https://www.bing.com/maps?&cid=28093BF647BFA6DC%21900&showmyplaces=true>
- Figura 2:** Fotografia do Bairro das Antas.....14
Fonte:https://www.google.pt/search?q=bairro+das+antas+saal&tbm=isch&ved=2ahUKewiTiYG9ooTrAhVDYBoKHbgIDUYQ2-cCegQIABAA&oq=bairro+das+antas+saal&gs_lcp=CgNpbWcQAzIECAAQGDoC CAA6BAgAEB5QghFY6hVg4xdoAHAAeACAAYsBiAHeBJIBAzAuNZgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB &scclient=img&ei=icEqX9OgDsPAabiRtLAE&bih=625&biw=1349&hl=pt-PT#imgrc=jYJErXuzYVDSzM
- Figura 3:** Fotografia do Bairro da Malagueira.....16
Fonte:https://www.google.pt/search?q=malagueira&sxsrf=ALeKk01402FdPKvem_T5GKxCCChvjK9bDw:1596636962186&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewjVid2XoITrAhUtBGMBHdo8B7IQ_AUoAnoECBoQBA&biw=1366&bih=625#imgrc=fIZ6MqcsDCOsUM
- Figura 4:** Fotografia de dois fogos do Bairro do SAAL da Praia de Cortegaça.....20
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.
- Figura 5:** Fotografia de um fogo do Bairro do SAAL da Praia de Cortegaça.....20
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.
- Figura 6:** Planta de Implantação do Bairro do SAAL da Praia de Cortegaça, já com a proposta de reabilitação.....22
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.
- Figura 7:** Plantas, cortes, alçados e vermelhos/amarelos das habitações existentes, assim como da proposta de reabilitação.....24
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.
- Figura 8:** Fotografia da actual lota da zona de Cortegaça e Esmoriz.....28
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.

Figura 15: Fotografia aérea do “Edifício sobre a Água”.....40

Fonte:https://www.google.pt/search?q=edifício+sobre+a+água+&tbm=isch&ved=2ahUKEwjn2b-xsYTrAhUO4RoKHXUTAAAQ2-cCegQIABAA&oq=edifício+sobre+a+água+&gs_lcp=CgNpbWcQAziECCMQJ1CBrwFYgLCBYMS8AWgAcAB4AIABhwGIAyUfkgEDMS41mAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&scient=img&ei=K9EqX6eYJo7Ca_Um&bih=625&biw=1366#imgrc=ODmKIWg75Yo-qM

Figura 16: Planta da lota do portinho de Castelo de Neiva..... 44

Fonte:https://www.google.pt/search?q=lota+do+portinho+de+castelo+de+neiva&tbm=isch&ved=2ahUKEwix_69sYTrAhUL1IUKHR5xCrUQ2-cCegQIABAA&oq=lota+do+portinho+de+castelo+&gs_lcp=CgNpbWcQARgAMgQIIxAnOggIABCxAXCDAToCCAA6BQgAELEDOgQIABADogQIABBDOgQIABAEogYIABAEIB46BAgAEBhQsNoUWL_-FGDLhBVoAnAAeACAAcoBiAHPHJIBBjAuMjkuMZgBAKABAaoBC2d3cy13aXotawW1nwAEB&scient=img&ei=RdEqX9qQMouolwSe4qmoCw&bih=625&biw=1366#imgrc=EZ2e-rvFjK25DM

Figura 17: Plantas do “Fisterra Market”.....46

Fonte:https://www.google.pt/search?q=fisterra+market&sxsrf=ALeKk01f2G9hoTF2qJZ2ZzZX5D729rPbkw:1596642272729&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjb7v77s4TrAhXkCWMBHdfTD-UQ_AUoAnoECAwQBA&biw=1366&bih=625#imgrc=Hn41wW1JVRcS4M

Figura 18: Planta do “WISTIK Library and Kindergarten”.....50

Fonte:https://www.google.com/search?q=WISTIK+Library+and+Kindergarten&sxsrf=ALeKk00Id_OfffcqHBmqWPiLCCOKxuoCgQ:1596642638510&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiKuLSqtYTrAhWzA2MBHUQOC3EQ_AUoAnoECAsQBA&biw=1366&bih=625#imgrc=Pba9Er2vJwAbCM

Figura 19: Fotografia do Centro Regional de Galeana.....54

Fonte:https://www.google.com/search?q=Centro+Regional+Galeana+planta&tbm=isch&ved=2ahUKEWjWw8OSt4TrAhV9AGMBHaQhBZ0Q2-cCegQIABAA&oq=Centro+Regional+Galeana+planta&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJ1CJHFiQMWD8MWgAcAB4AIABaIgb8giSAQQxMS4xmAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&scient=img&ei=NdcqX5bVEf2AjLsPpMOU6Ak&bih=625&biw=1366#imgrc=VdirQUJLITac5M

Figura 20: Fotografia do interior do mercado do Carandá.....58

Fonte:https://www.google.com/search?q=mercado+do+carand%C3%A1+souto+de+moura&tbm=isch&ved=2ahUKEWjFuYiXt4TrAhVG8BQKHUTtDLUQ2-cCegQIABAA&oq=mercado+do+caran&gs_lcp=CgNpbWcQARgAMgQIIxAnMgYIABAEIB4yBAgAEBgyBAgAEBg6BAgAEEM6CAgAELEDEIMBOgUIABCxAzoCCABQpfGpAlidgaoCYO-LqgJoAHAAeACAAYBiAG5DZIBBDQuMTKYAQcGAgQgAQqnd3Mtd2I6LWItZ8ABAQ&scient=img&ei=PtcqX8WiMcbgU8Tas6gL&bih=625&biw=1366#imgrc=cac3V4zkqzVgIM

Figura 21: Fotografia exterior do pavilhão nórdico da Bienal de Veneza.....60

Fonte:https://www.google.com/search?q=pavilh%C3%A3o+n%C3%B3rdico+sverre+fehn&tbm=isch&ved=2ahUKEwiwkduwyYTrAhVKHBoKHYm4DYEQ2-cCegQIABAA&oq=pavilh%C3%A3o+n%C3%B3rdico+sverre+fehn&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJzoECAAQzozHCAAQsQMQQzoFCAAQsQM6AggAOGYIABAFEB46BggAEAgQHICOGxtYnboYki9G2gAcAB4AYABtwKIAdgYkgEJMTAuMTcuMC4xmAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&scient=img&ei=VOoqX7CXGsq4aInxtogI&bih=625&biw=1366#imgrc=1wO5PCmbz5KJNM

Figura 22: Fotografia exterior da “Robie House”, uma das “Casas da Pradaria”.....	62
Fonte: https://www.google.pt/search?q=robie+house+frank+lloyd+wright&sxsrf=ALeKk0266CRoYehwP4gJLIIItuGNAjpUkQ:1596648883813&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi-w7PMzITrAhWNlxQKHQRkDNoQ_AUoAXoECCAQA&biw=1366&bih=625#imgsrc=RqOJpnw1k5IhoM	
Figura 23: Fotografia do interior do mercado de Águeda.....	64
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.	
Figura 24: Fotografia do Bloco D do Bairro de Gallaratese.....	66
Fonte: https://www.google.pt/search?q=gallaratese&sxsrf=ALeKk00gi1Q2JXFKJ_XqDbiVVQ0LdmlwGw:1600185052732&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi0g5LtwevrAhUnQEAHXARCUIQ_AUoAnoECBYQBA&biw=1366&bih=625#imgsrc=PI0cgX8qGANGJM	
Figura 25: Planta de cobertura do CCC.....	68
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.	
Figura 26: Planta do CCC com a disposição do programa que o compõe.....	72
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.	
Figura 27: Imagem exterior do CCC.....	78
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.	
Figura 28: Imagem exterior do CCC.....	80
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.	
Figura 29: Imagem interior do mercado.....	82
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.	
Figura 30: Fotografia do terreno onde estará localizada a praça do Monte Branco.....	84
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.	
Figura 31: Planta da praça do Monte Branco.....	84
Fonte: do autor deste trabalho de projecto.	

Anexos

Entrevista ao Arquitecto António Moura sobre o Bairro do SAAL:

Como é que foi feito, ao arquitecto, o convite para desenvolver este projecto SAAL?

Não foi feito convite nenhum... Eu é que morava na zona, durante o verão, e sempre me meteu muita confusão ver aquela miséria... Comecei a interessar-me por aquilo e chamei um colega para me ajudar. No entanto, soube do programa SAAL e aí sim, fui convidado a desenvolver o trabalho.

Começaram-me a chamar de comunista por me estar a interessar por aquele Bairro. Aquela zona sempre foi muito ligada à indústria têxtil e então, sempre se achou que aquela zona serviria, um dia, para hotéis e assim... Mas nunca para os "desgraçados" dos pescadores. Dos "bareiros", como são chamados. Quando me interessei por este projecto, quase que fui expulso de lá.

Havia mais algum arquitecto a integrar a equipa?

Sim, o arquitecto Alfredo Resende.

Este foi um dos seus primeiros projectos de arquitectura?

Não, já tinha feito algumas moradias para familiares. Mas este projecto foi o maior que desenvolvi na altura.

Baseou-se em alguns casos de estudo?

Observava o que os colegas faziam. O arquitecto Siza aqui no Porto. Este projecto é um pouco diferente dos outros por causa desta técnica de evolução. Passar do T1 para o T5 através do T3. Não conheço nenhuma operação SAAL, aqui no Porto, que tenha esse processo.

Quando é que foi o início da obra?

Penso que foi em 1975.

Como foi o contacto com a população? Houve participação durante o desenvolvimento do Bairro?

Sim, para nós é que era um "frete". Reuniões de noite, a toda a hora, eles queriam tudo...

A intervenção chegou a ficar completa?

Não, o projecto nunca chegou a ser concluído.

Houve alterações do projecto durante a construção? Ou foi seguido exactamente como estava proposto?

Ele foi seguido à risca, pelo menos a primeira fase. Depois abandonámos visto que o programa acabou , no entretanto. Depois começaram a pôr telha e assim...

Qual era a densidade populacional deste bairro?

Famílias de tamanho normal, maioritariamente. Havia algumas famílias que tinham bastantes filhos.

Em que estado se encontravam as habitações anteriores?

Nem queira saber... Era do mais degradante que se possa imaginar. O chão era em areia da praia... Eram coisas tenebrosas, ali com um frio e humidade enormes... Aquela humidade do mar... Era terrível.

Qual é a sua opinião relativamente ao programa SAAL?

A nível Europeu foi uma novidade. É raro aparecer uma novidade como esta. A população fazer reabilitação no local onde vivia.
O costume, nas cidades, em termos de habitação social, é colocá-los na periferia, nos bairros sociais... Aliás, isto para mim é uma fatalidade, porque isto para mim foi a primeira vez. A segunda foi na Ribeira-Barredo, aqui no Porto. Em que eu, também, sou o autor de toda a frente da ribeira, recebi até um Prémio João Almada por isso, e a ideia era deixar a população no sítio, sem expulsar ninguém. Aliás, eles nem saíam de lá... Nem com a polícia. E aqui (SAAL) era a mesma coisa... Manter a população no local.

Houve alguma dificuldade maior durante a execução do projecto?

Não... Nós éramos "chavalos", não percebíamos nada de arquitectura nem de construção mas... Já viu os desenhos e são de uma simplicidade que até dói. Aquilo era construível por qualquer um.

Os habitantes só interviram quando começaram a inventar.

Fotografias do interior das habitações do bairro do SAAL





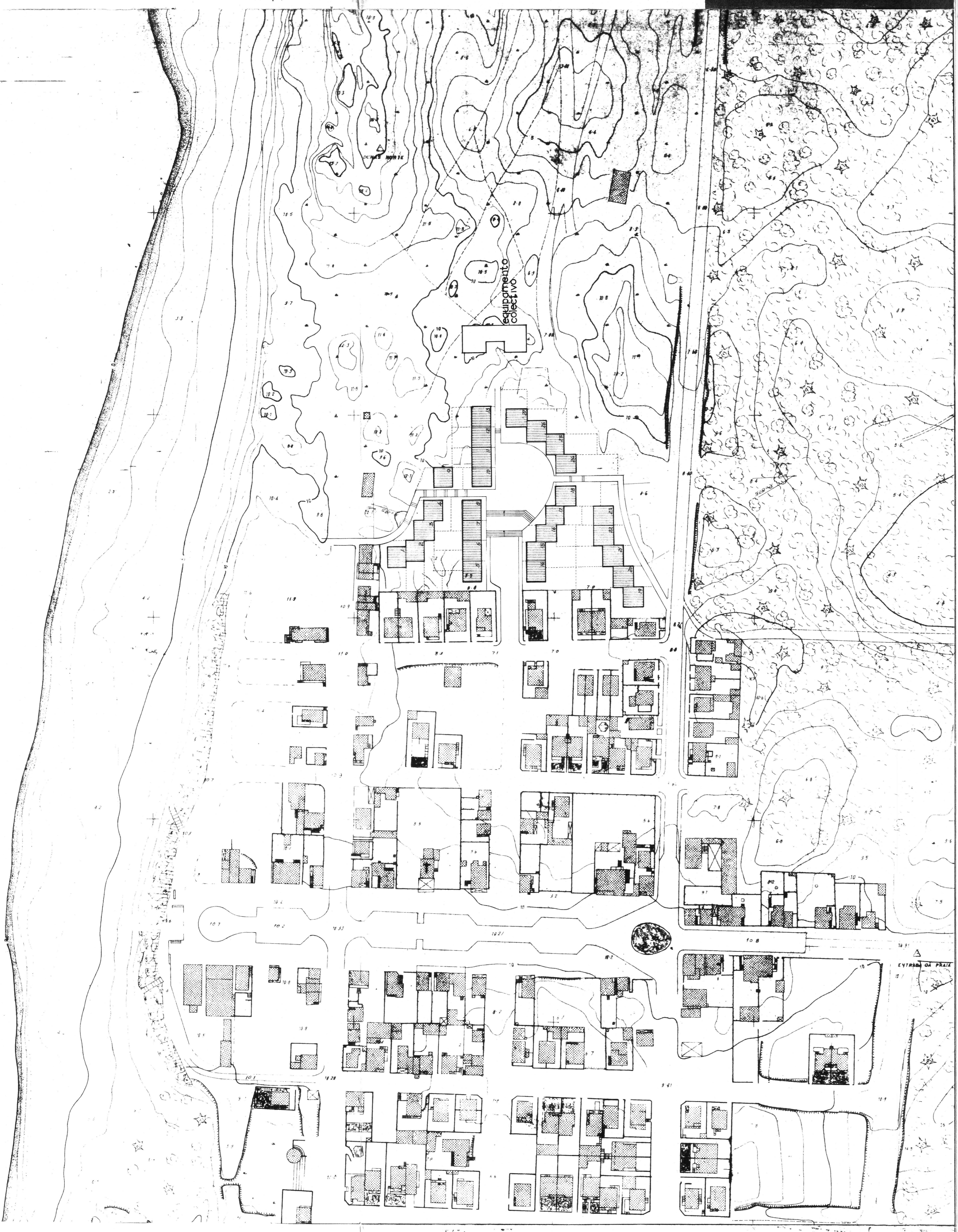
**ESMORIZ
CORTEGAÇA**

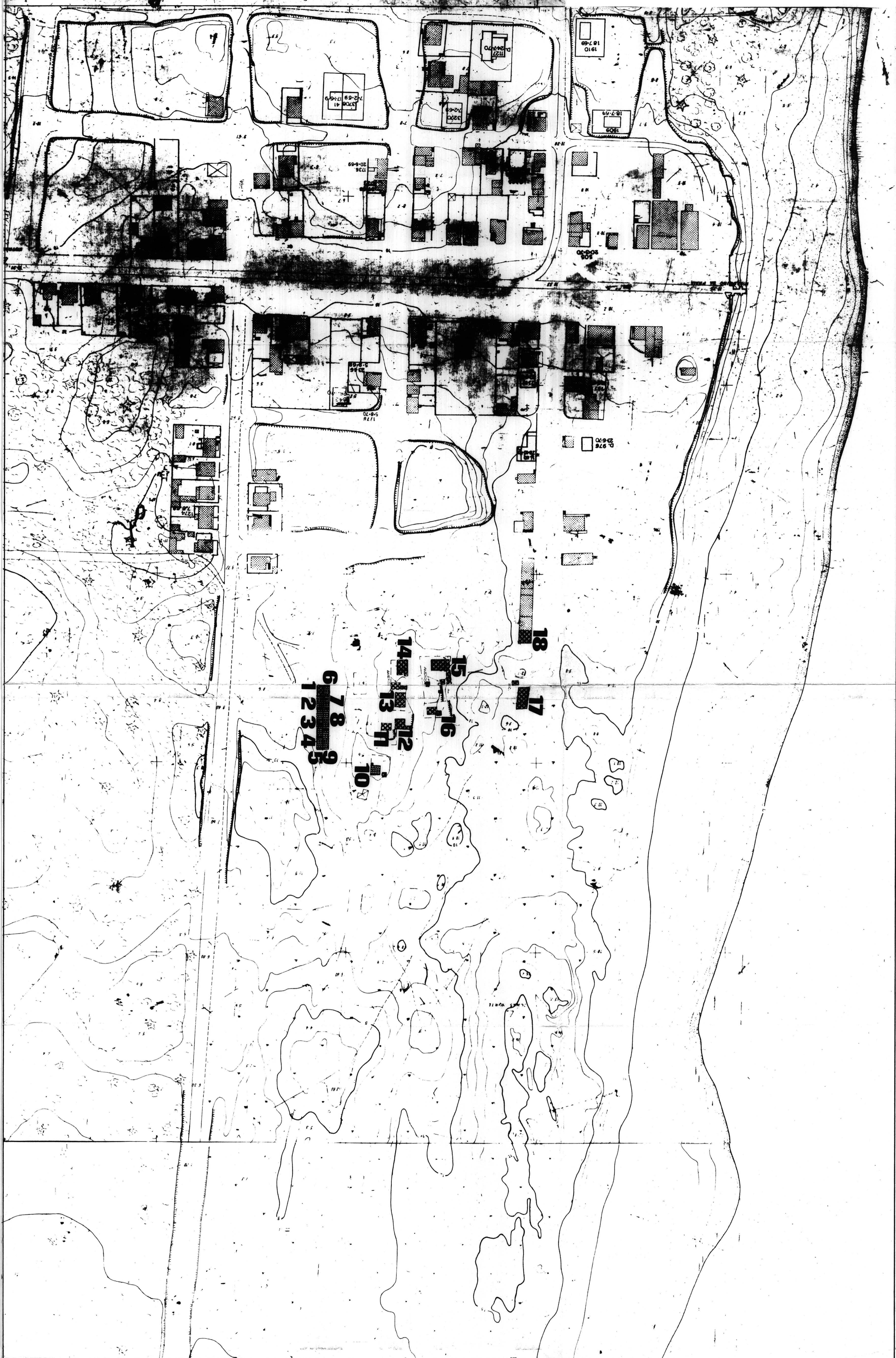
NÚCLEO DE CORTEGAÇA
ESQUEMA VIÁRIO
IMPLANTACÃO DAS CONSTRUÇÕES

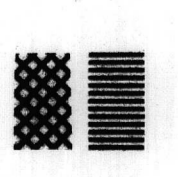
escala 1:1000 data 17/3/5 numero 2

FUNDO DE
FOMENTO DA
HABITACÃO

SAAL






 edifícios de diversa
 moderna

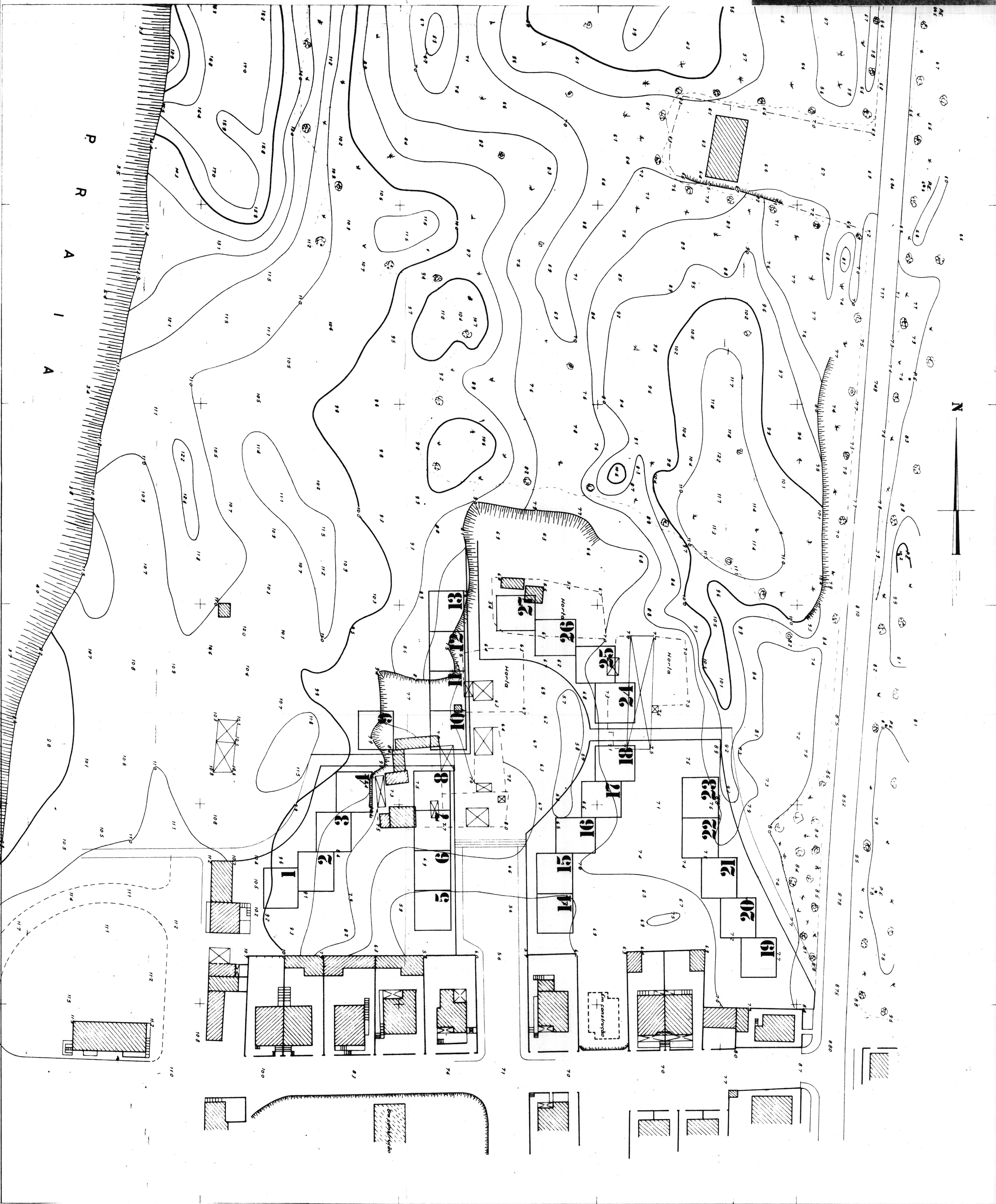
FUNDO DE
FOMENTO DA
HABITAÇÃO

**ESMORIZ
CORTEGAÇA**

NÚCLEO DE CORTEGAÇA
inquérito

escala 1:1000 data 28.2.75 numero 4
 ALFREDO RESENDE / ANTONIO NOURA

SAAL



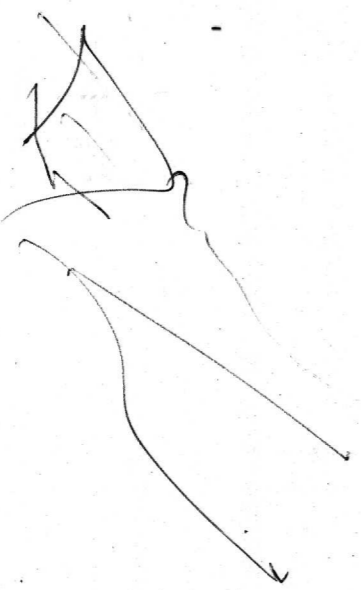
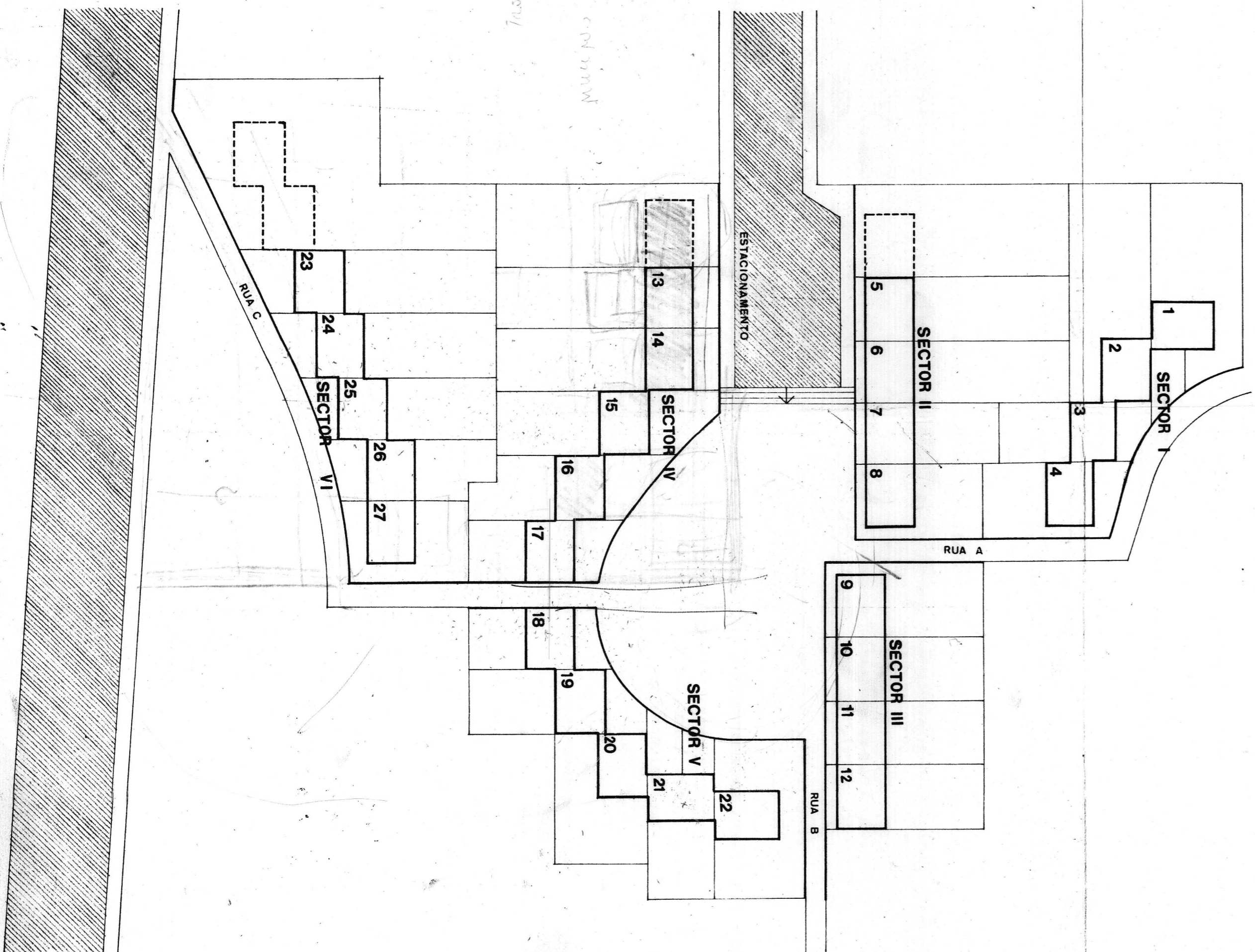
ESMONIZ
CORTEGAÇA

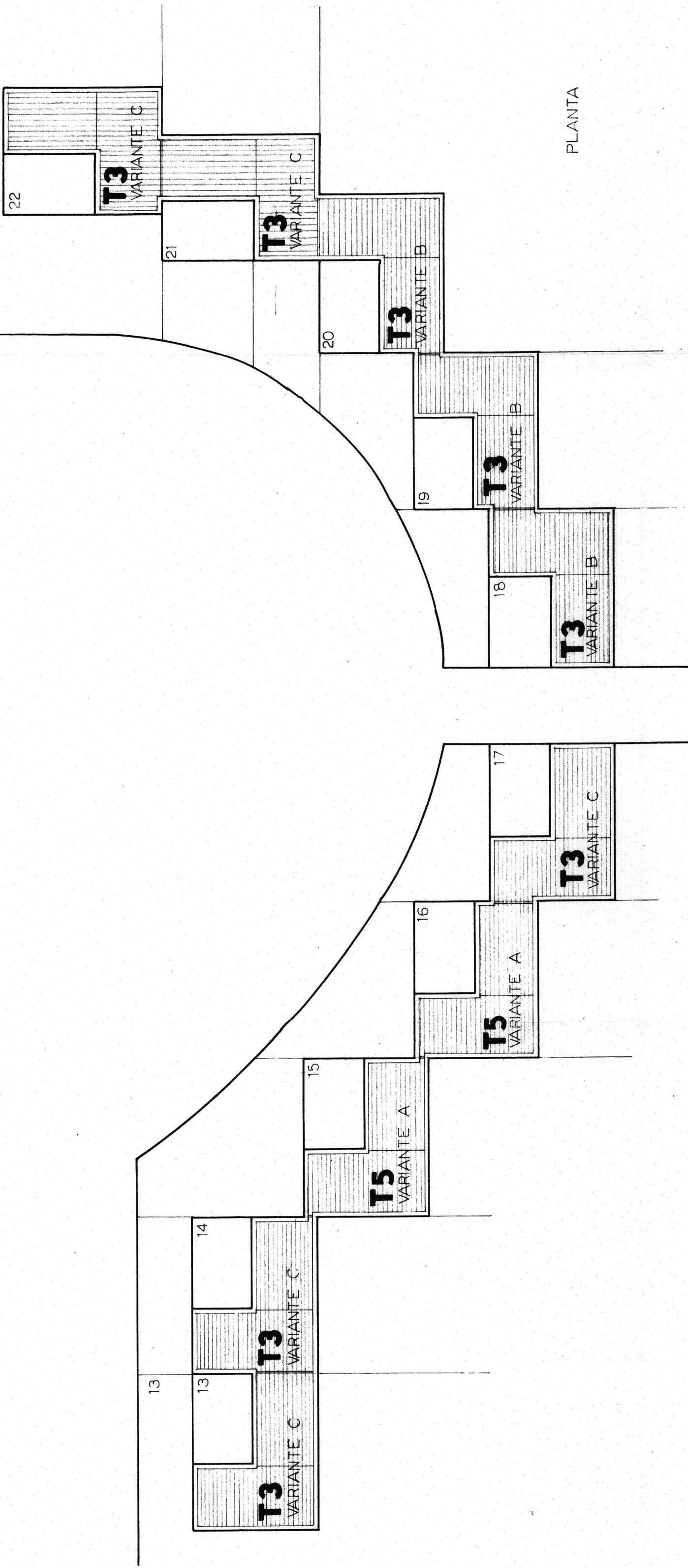
FUNDO DE
FOMENTO DA
HABITACAO

escala 1:500 data numero 4

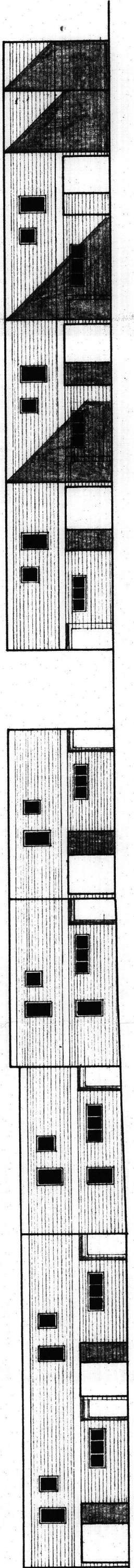
ALFREDO ASSIS / ANTONIO ADRIANA

SAAL





PLANTA

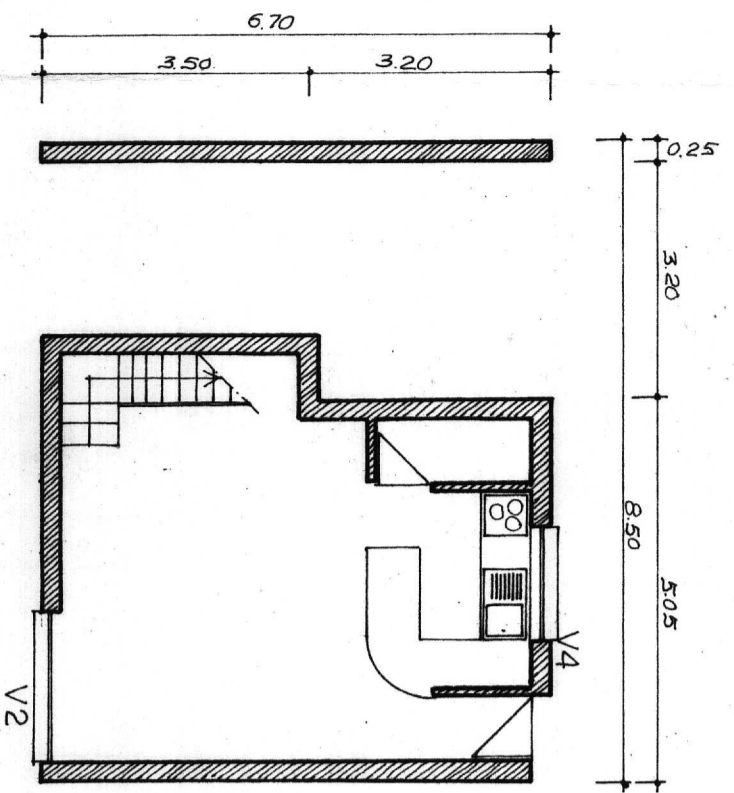


ALCADO NASCENTE

FUNDO DE
POREIRO DA
PASTAÇÃO

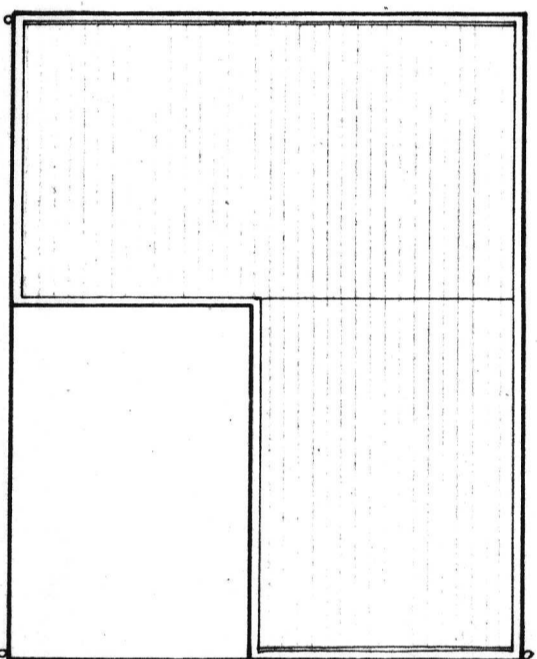
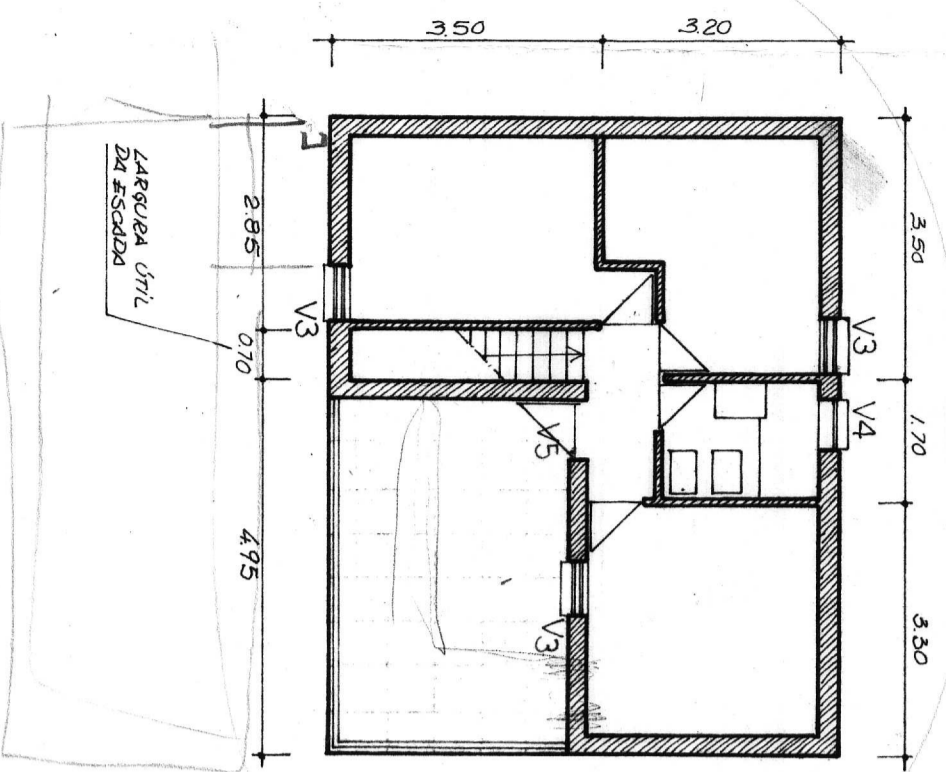
SAAL

ALCADO NASCENTE / ALEXANDRE MOURA

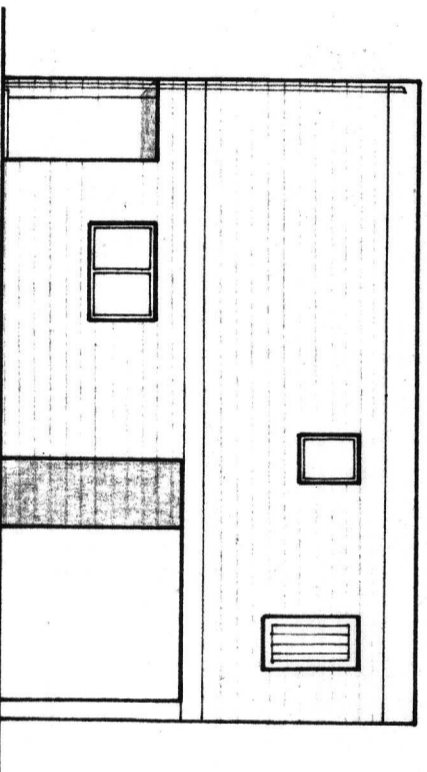


P. R/C

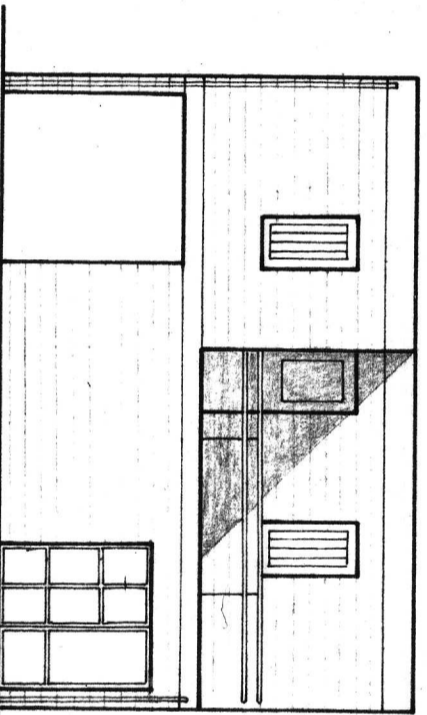
P. 1º ANDAR



P. COBERTURA



ALÇADOS



SAAL

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

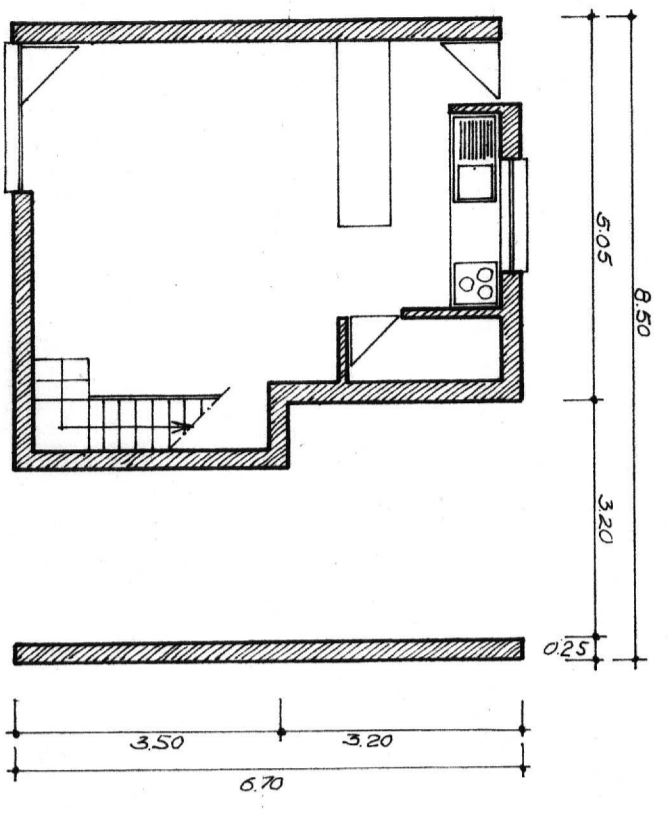
ESMORIZ CORTEGAÇA

NÚCLEO DE CORTEGAÇA

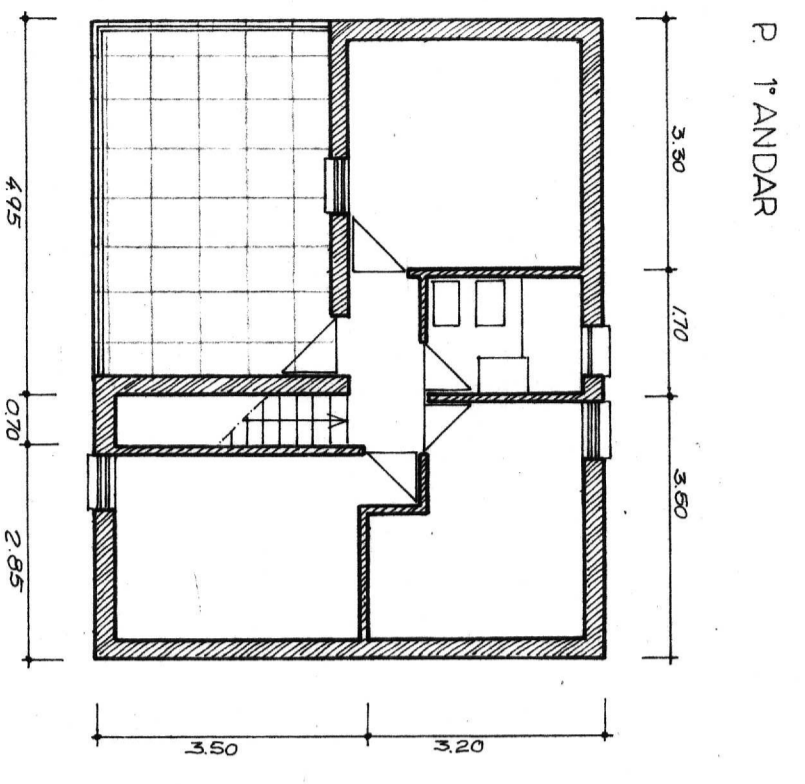
HABITAÇÃO TIPO T3

escala 1:100 data nov 75 numero 7

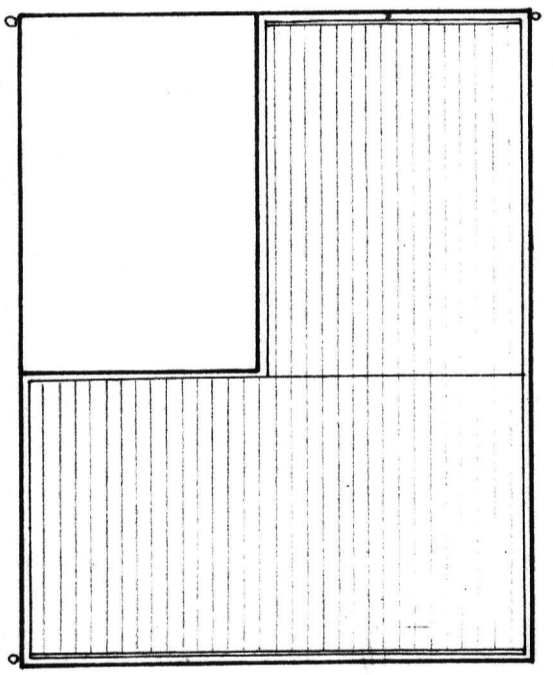
ALFREDO RESNDE / ANTONIO MOURA



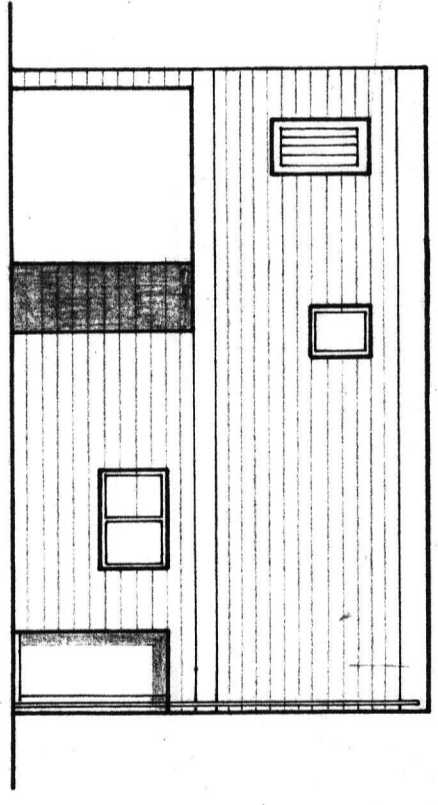
P. R/C



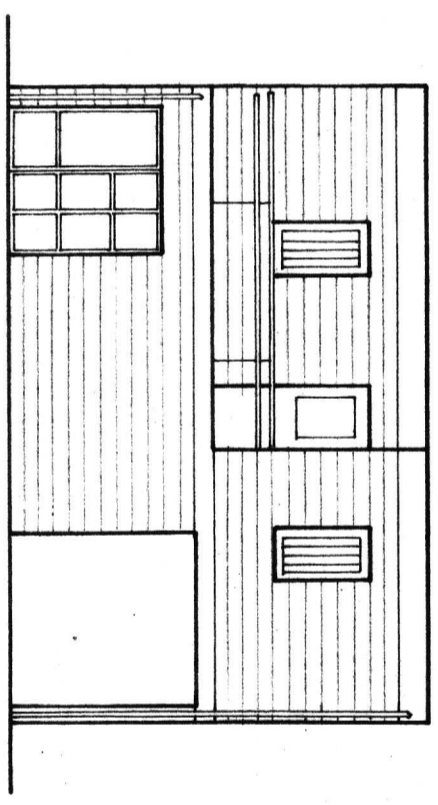
P. 1º ANDAR



P. COBERTURA



ALÇADOS



ESMORIZ
CORTEGAÇA

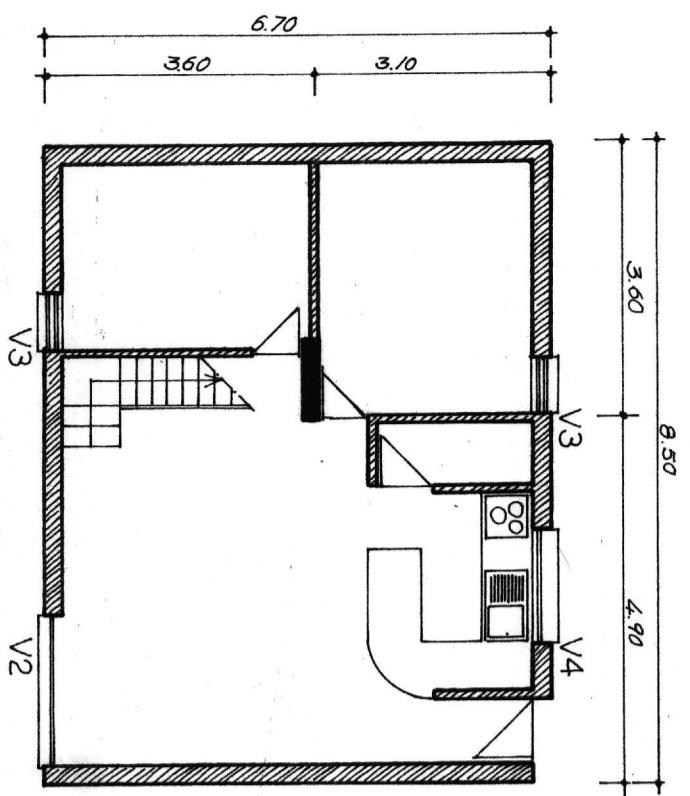
FUNDO DE
 FOMENTO DA
 HABITAÇÃO

NÚCLEO DE CORTEGAÇA
 HABITAÇÃO TIPO 13 (VARIANTE C)

escala 1:100 data nov. 75 número **10**

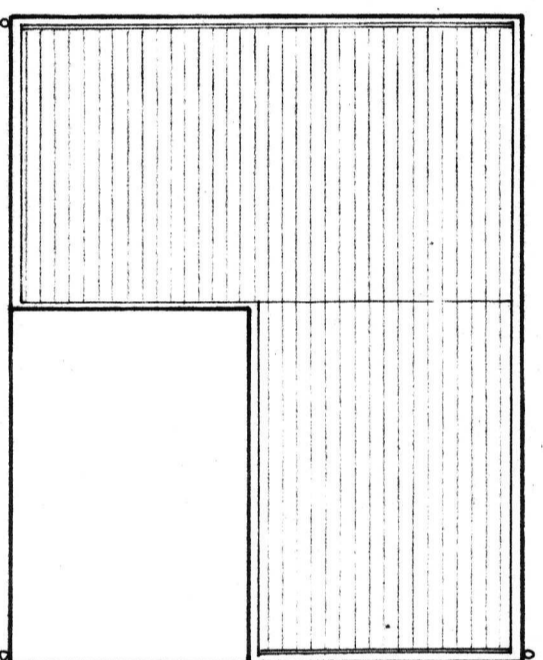
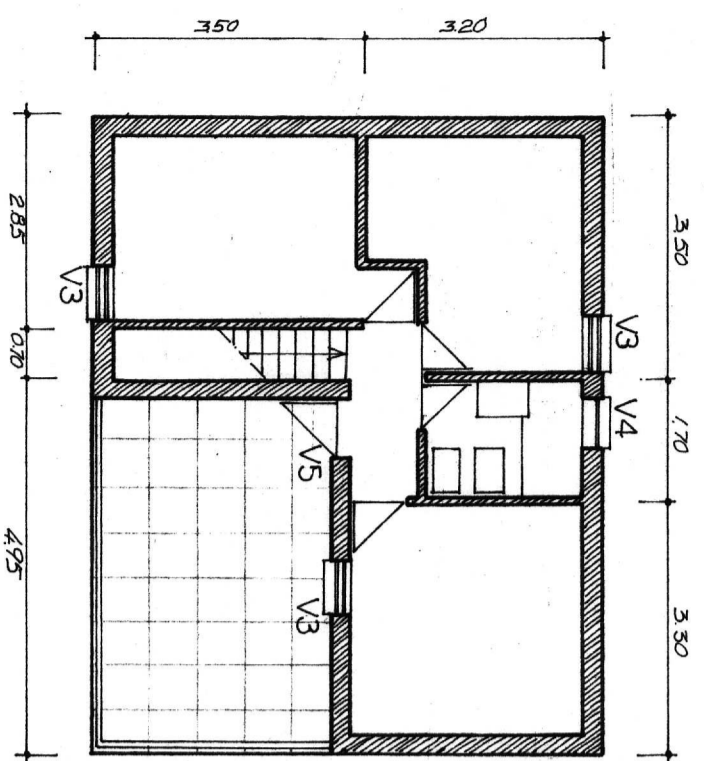
ALFREDO RESENDE / ANTONIO MOURA

SAAL

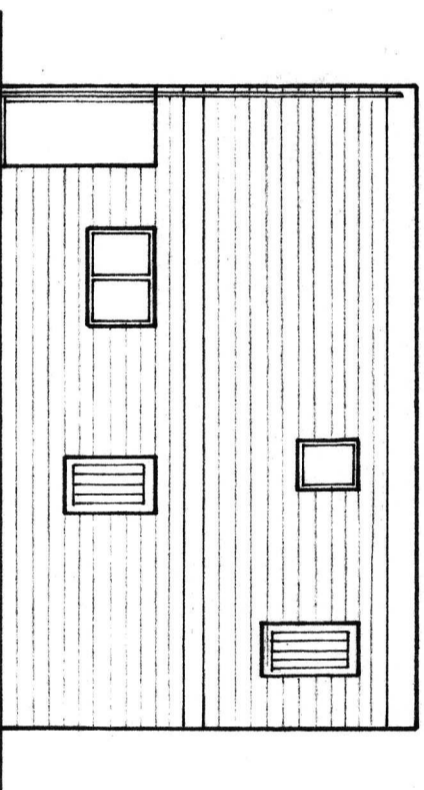


P. R/C

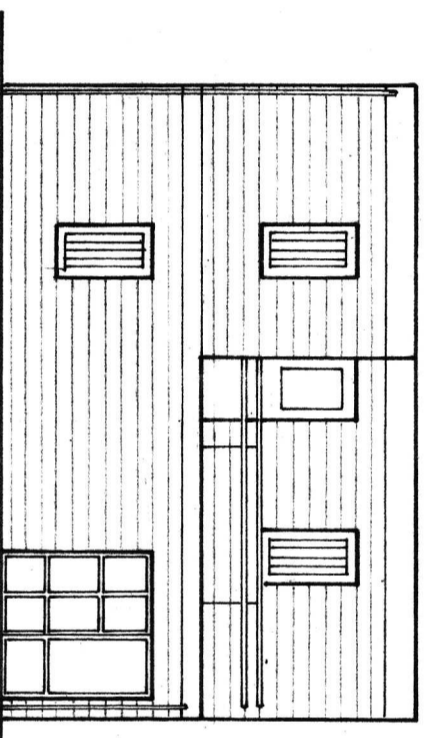
P. 1 ANDAR



P. COBERTURA



ALÇADOS



**ESMORIZ
CORTEGAÇA**

NÚCLEO DE CORTEGAÇA

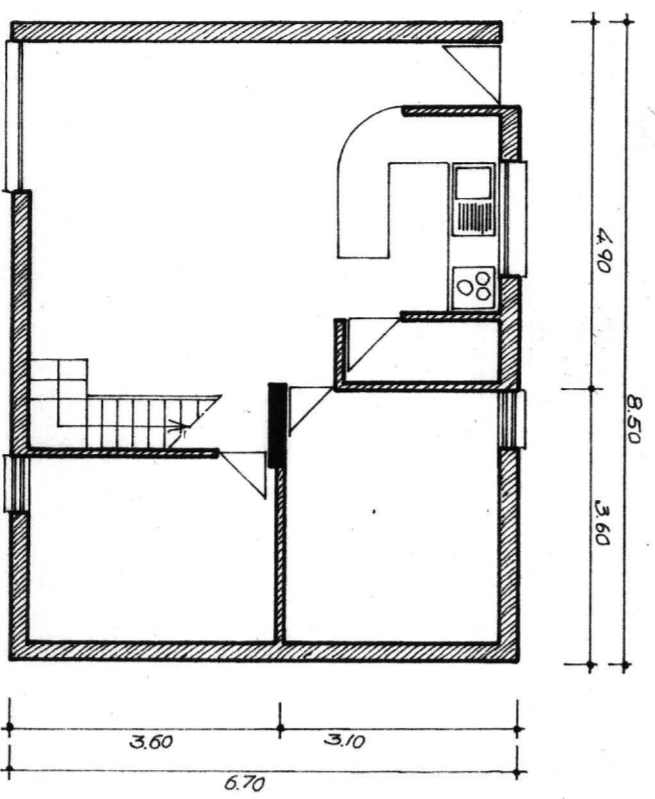
HABITAÇÃO TIPO 13

FUNDO DE
FOMENTO DA
HABITAÇÃO

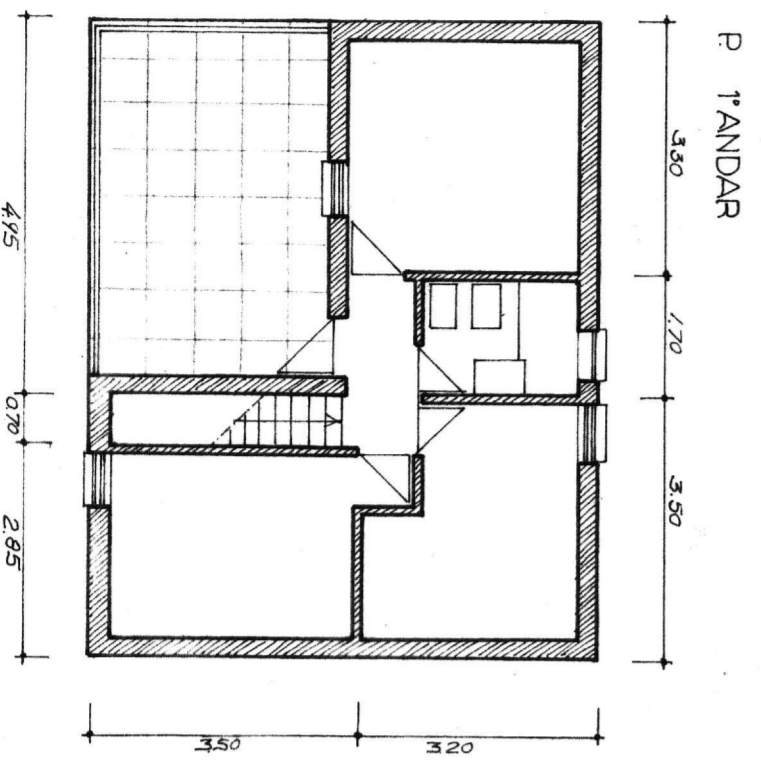
escala 1:50 data nov 75 número 11

autor: RESNDE / ANTONIO NOVA

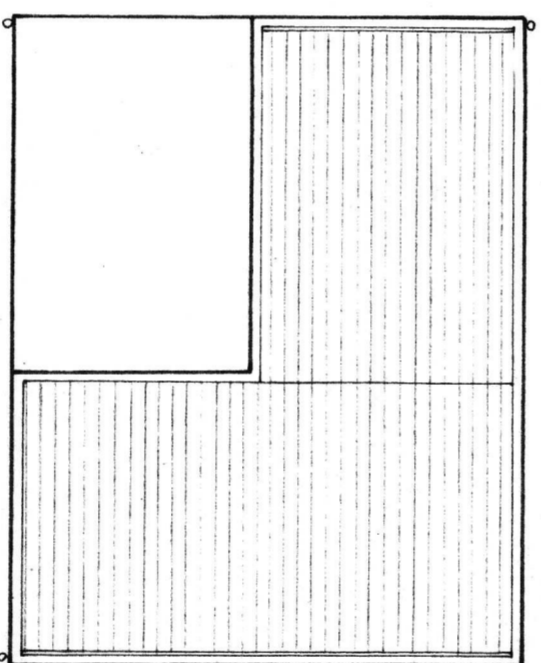
SAAL



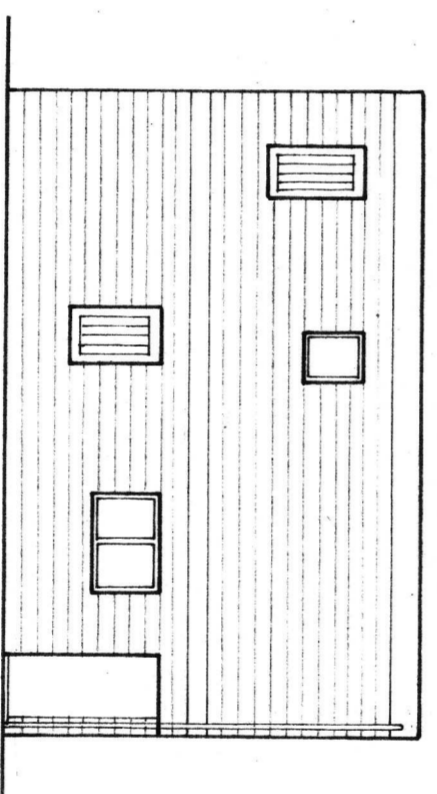
P R/C



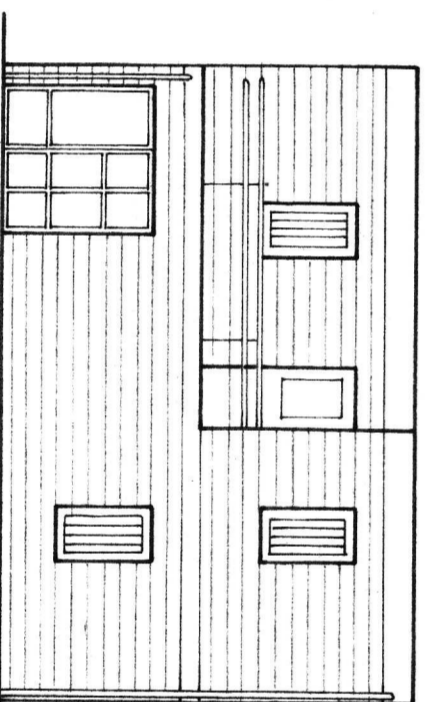
P 1 ANDAR



P COBERTURA



ALÇADO



FUNDO DE
FOMENTO DA
HABILITAÇÃO

**ESMORIZ
CORTEGAÇA**

NÚCLEO DE CORTEGAÇA
HABILITAÇÃO TIPO T3 (VARIANTE A)

escala 1:100 data nov 75 numero 12

ALFREDO RESENDE / ANTONIO NOVA

SAAL